



**UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA**  
**FACULDADE DE TEOLOGIA**

**MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)**

**MÁRCIO DANIEL FONSECA MARTINS**

**Pensamento teológico de Leonardo Coimbra  
na obra a alegria, a dor e a graça**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor Arnaldo Cardoso de Pinho

**Porto  
2012**

## **Agradecimento**

Agradeço de forma muito especial a todos aqueles que forma directa e indirecta me ajudaram na elaboração deste trabalho.

De modo muito especial o meu orientador, o Prof. Doutor Arnaldo Cardoso Pinho, pela clareza e objectividade que me elucidou este caminho de descoberta. Tal como a todos os professores da Faculdade de Teologia, sempre disponíveis e amigos.

Ao Seminário Maior do Porto e à paróquia de Santa Maria Maior de Murça que me permitiram desenvolver com algum tempo e compreensão, a minha investigação, para além do apoio que sempre me deram, para nunca desanimar perante as dificuldades e as limitações que tenho.

E por fim, aos meus amigos e família sempre presentes e compreensivos.

A todos a minha gratidão.

## Índice

INTRODUÇÃO.....	4
I. A vida de Leonardo Coimbra e a sua Conversão .....	7
1. Vida Pública e social de Leonardo Coimbra .....	7
2. Conversão de Leonardo Coimbra ao catolicismo e evolução do seu pensamento. 11	
II - Influências ao pensamento e método filosófico de Leonardo Coimbra, na perspectiva da obra: “A Alegria, a Dor e a Graça”. .....	15
1 – Influência de Henri Bergson no pensamento de Leonardo Coimbra na obra: “A Alegria, a Dor e a Graça” .....	16
1.1 Traços gerais do pensamento de Henri Bergson.....	16
1.2 – O pensamento bergosiano na obra: “A Alegria, a Dor e a Graça” .....	21
2. O Criacionismo como método de Leonardo Coimbra.....	25
2.1 – Compreensão do Criacionismo como método .....	26
2.2 – Criacionismo na obra: “A Alegria, a Dor e a Graça” .....	29
III – Leitura Teológica da obra: “A Alegria, a Dor e a Graça” .....	33
1. Leitura orientada da obra: “A Alegria, a Dor e a Graça” .....	33
1.1– A Alegria.....	34
1.2– A Dor.....	37
1.3– A Graça .....	41
2. Pensamento Teológico na obra: “A Alegria, a Dor e a Graça”. .....	44
CONCLUSÃO.....	56
Bibliografia.....	58
Bibliografia Activa: .....	58
Biografia passiva: .....	60

## INTRODUÇÃO

Leonardo Coimbra foi um autor que descobri apenas no meu percurso de aspirante a teólogo, num seminário acerca do pensamento portuense do século XX, onde este autor e a obra “A Alegria, a Dor e Graça” foram apresentados. Desde logo fiquei fascinado, pela beleza literária e profundidade de conteúdo e no seguimento disto, o interesse, pelo autor e a sua obra, foi crescendo e desenvolvendo-se, a ponto de, chegando a fase de optar por uma tema para dissertação final para o Mestrado Integrado em Teologia, arriscar desenvolver um estudo mais aprofundado e científico.

Fui então à procura de conhecer um pouco mais da sua história, deparando-me com um património basto a nível de produção literária, quer de próprio autor quer de quem achou por bem estudar e aprofundar tamanha obra. Comecei o meu processo e percebi que apesar de um basto aparato interpretativo e científico do pensamento leonardiano ainda há espaço de investigação. Ao nível filosófico e teológico ainda poucos há que se tenham arriscado, apesar de já haver alguns trabalhos neste sentido, o que limitou a investigação, dado que necessitava para a Dissertação de mais bibliografia com enfoque nas questões teológicas e em especial na obra. Como tal, este trabalho foi uma aventura e um certo arriscar ensaístico.

Assim, os meus conhecimentos filosóficos em especial no campo da Filosofia Contemporânea e Ontologia foram um precioso auxílio. No entanto, no campo Teológico mais Dogmático foram a base desta dissertação. Procurar uma articulação filosófico-teológica e daí extrair um raciocínio lógico e científico assente na bibliografia que me auxiliaram neste trabalho.

Do ponto de vista metodológico dividi a Dissertação em três capítulos: o primeiro que apresenta a vida e obra do autor sendo necessário perceber o seu percurso, como veremos, para compreender certas aspectos e particularidades da construção de pensamento de Leonardo Coimbra; o segundo capítulo visa perceber, dentro da obra que está em estudo e do próprio autor, os conteúdos de pensamento que estão por detrás, com as influências e críticas de Leonardo a Henri Bergson, bem como um ligeiro aprofundar do método filosófico de Leonardo - o Criacionismo - como algo adjacente à obra; por fim, o terceiro e último capítulo, parte central do trabalho, os traços teológicos que se manifestam directamente na obra e são referenciados na Dissertação.

Assim sendo, o primeiro capítulo aborda a biografia do autor apresentando brevemente o seu percurso de vida: a sua naturalidade, a sua educação, seu percurso e intervenção na vida pública e social; as suas influências do ponto de vista filosófico e o seu gradual crescimento intelectual. Procurei também, dada a necessidade de uma panorâmica do seu percurso de conversão, que no enquadramento geral da obra adquiere especial significado, perceber as motivações e a caminhada de reaproximação que Leonardo Coimbra faz à fé católica que recebeu na sua infância, como ponto de chegada de uma caminhada.

O segundo capítulo procura compreender as influências que marcam o pensamento de Leonardo Coimbra, pelo que houve a necessidade de incluir nesta dissertação a influência que Henri Bergson teve em Leonardo, na medida em que a própria obra em análise, apresenta traços dominantes de bergsonianismo, que de certa forma vou procurar demonstrar, percebendo a influência e a ascendência que o pensamento de Bergson teve no pensador portuense. Neste segundo capítulo também abordo a temática do Criacionismo enquanto método filosófico originário de Leonardo Coimbra, apresentando, numa primeira análise, este sistema nos seus traços gerais e numa segunda análise dentro da obra “A Alegria, a Dor e a Graça” para se perceber os traços do Criacionismo nesta obra, como método de Leonardo Coimbra.

O terceiro capítulo é o fundamental desta dissertação. Os dois primeiros capítulos convergem para o terceiro, onde apresento os aspectos teológicos inerentes à obra. Assim, numa primeira parte faço uma espécie de resumo da obra de forma a introduzir o leitor da dissertação no espírito e dinâmica da mesma obra e de certa forma orientar para o subcapítulo seguinte, dos traços teológicos, sendo também esta parte da tese um tomar consciência do que se refere a obra, onde eu faço uma espécie de ensaio da minha leitura pessoal e que julgo relevante demonstrar da obra. A parte final da dissertação procura apresentar o pensamento teológico do autor, onde de forma sistemática apresento e desenvolvo as temáticas mais teológicas que ressaltam e que a minha consulta bibliográfica me apresenta.

Para a elaboração deste trabalho recorri à leitura da obra que serve de análise para este trabalho, bem como à leitura de outras obras de Leonardo Coimbra. Consultei também alguns dicionários filosóficos e obras do período contemporâneo da filosofia. Procedi também à leitura de algumas obras da época que se referem a Leonardo Coimbra, bem como a algumas obras e artigos posteriores, sendo que, na minha opinião

há uma escassez de estudos de Leonardo Coimbra, pois os autores que se debruçam a estudar Leonardo Coimbra são quase sempre os mesmos. Entre as consultas realizadas, assinalo de modo especial as Actas do Simpósio realizado no Centro regional do Porto da Universidade Católica, como sendo um estudo estruturado e bem organizado dando uma perspectiva global da profundidade e relevância do pensamento de Leonardo Coimbra, tendo sido esta obra um precioso contributo ao meu trabalho.

Este trabalho tem como objectivo principal demonstrar a beleza de uma obra que me fascinou, bem como, a profundidade de pensamento de Leonardo Coimbra, um autor que desconhecia e que na sua época foi uma figura meritória que deixou um legado que mereceria ser mais explorado. Julgo que se consegue demonstrar que vale a pena estudar e conhecer melhor Leonardo Coimbra e a sua obra, e que um objectivo importante deste trabalho foi atingido.

# I. A vida de Leonardo Coimbra e a sua Conversão

Leonardo Coimbra, como todo o ser humano, é influenciado pelo meio social e cultural em que nasce. As ideias e formas de pensar da época, a situação social, política e cultural contêm em si traços que moldam uma época e a forma de pensar dessa mesma. Como tal, Leonardo Coimbra foi um homem do seu tempo, e sua vida pública de intervenção são reflexo disso.<sup>1</sup>

Perceber o ambiente em que Leonardo se moveu é de todo relevante, para compreender a obra em análise, assim como o seu autor. A sua vida pública e social, a sua conversão ao cristianismo são elementos de todo relevantes e essenciais neste trabalho.

Assim, este capítulo isso vai tentar demonstrar que de certa forma esta que de certa forma e o autor da obra: A Alegria, a Dor e a Graça nos eleva a um patamar superior da crítica literária, pois a profundidade e elevação que somos transportados são de todo originais e carecem de contextualização.<sup>2</sup>

## **1. Vida Pública e social de Leonardo Coimbra**

Leonardo Coimbra foi um dos maiores pensadores portugueses dos inícios do séc. XX, que se destacou pela vastidão da sua cultura e pela originalidade das suas ideias. Nasceu a 30 de Dezembro de 1883, na Lixa, concelho de Felgueiras, e viria a falecer no Porto a 31 de Dezembro de 1935.

Quando terminou os estudos no Ensino Secundário matriculou-se na Universidade de Coimbra, e mais tarde frequentou a Escola Naval de Lisboa. No Porto frequentou ainda, o curso superior de letras na Escola Politécnica. Alguns anos depois assume a função de professor e pedagogo, dedicando-se primeiramente ao ensino da matemática em vários liceus, e depois, entre 1919 e 1926, orienta a cadeira de Filosofia da

---

<sup>1</sup> Cf. ALVES, Ângelo – As influências na elaboração do Criacionismo. A Biblioteca de Leonardo Coimbra. *Humanística e Teologia*. Porto. Fasc. 2. TOMO IX. (1988), p. 223.

<sup>2</sup> Cf. ALVES, Ângelo – Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 181-183.

Faculdade de Letras do Porto, da qual foi fundador e director<sup>3</sup>. Ficou conhecido por filósofo, professor e político português:

“Apesar de ter surgido com a geração republicana, para cujo regime tentou compor sólida doutrina como ministro ou deputado da Nação, foi sobretudo como professor e filósofo que mais se destacou a sua plurivalente actividade”.<sup>4</sup>

Embora tenha nascido numa geração republicana, a sua actividade ficou marcada como professor e filósofo. Contribuiu para a fundação dos “Amigos ABC”, sociedade portuense de ensino popular, que pelas suas características nos remete para o romantismo de Victor Hugo.<sup>5</sup> Como um dos mais importantes nomes da cultura portuguesa, Leonardo Coimbra, foi um dos orientadores e dinamizadores do projecto “Renascença Portuguesa”. Participou, com vários artigos, na revista “A Águia”, sendo um dos fundadores desta publicação, juntamente com Jaime Cortesão, Álvaro Pinto e Cláudio Basto, em 1910.<sup>6</sup> Através das suas ideias renovadoras, aconselhou uma grande reforma das instituições de ensino, aos vários níveis: primário, liceal e universitário.<sup>7</sup>

Iniciou-se na vida política seguindo e tendo como modelo Antero de Quental, tornou-se militante do Partido Republicano Português e aí destacou-se como pioneiro de grandes reformas do ensino e da educação, aplicando o lema “Autoridade e acordo de liberdade”. Assim ficou conhecido pelo “democraticismo criacionista”, e acerca disso, Antero Simões afirma:

“Mas, porque nestes princípios da Revolução republicana se acentuavam graves deficiências na vida portuguesa, este professor-tribuno, aproveitando as colunas de “A Águia”, já como militante do Partido Republicano Português, preconizou uma vasta e profunda reforma do ensino e da educação. Era um segundo magistério. Aplicando na ordem prática o lema o lema “Autoridade e acordo de liberdade”.”<sup>8</sup>

Embora tenha tido uma rápida passagem pelo ministério, Leonardo enfrentou muitos problemas, que nem por isso o impediram de lutar contra as forças da oposição, e assim dedica-se ao ensino superior de filosofia e mais tarde à oratória tribuniária.

---

<sup>3</sup> Cf. SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005, p. 14-16.

<sup>4</sup> SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005, p. 16.

<sup>5</sup> Cf. SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005., p. 14.

<sup>6</sup> Cf. SARAIVA, António José; LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa*. 14ª Edição. Porto Editora. Porto. 1987. p.1020-1022.

<sup>7</sup> Cf. SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005, p. 22.

<sup>8</sup> SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005, p. 25.

Leonardo Coimbra era apresentado como analogia da Trindade, três facetas: a de orador, professor, e filósofo, mas a mesma pessoa.<sup>9</sup> Leonardo Coimbra fica conhecido, apesar de todos os seus defeitos, como homem vocacionado para o professorado, investindo assim na área da pedagogia. Deixou uma obra muito vasta e variada, onde transmitiu o seu saber científico e filosófico:

“São vinte livros, alguns apúsculos, centenas de outros escritos, dispersos por revistas e jornais da época: conferências, lições, discursos, prefácios, comentários, entrevistas... Mesmo sem entrarmos na contagem de alguns textos inéditos, e dos infelizmente perdidos, destruídos ou guardados, não se sabe porque mãos, o filósofo do “Criacionismo” foi, realmente, um invulgar e infatigável polígrafo”.<sup>10</sup>

No que se refere ao seu discurso filosófico, há duas fases de Leonardo Coimbra que podemos definir: há no Criacionismo um ritual e espiritual primeiro e pioneiro na cultura na filosofia portuguesa, como um sonho e luta pessoal e interior de querer demonstrar, que o raciocínio não lhe destrói o sentimento.<sup>11</sup> A primeira fase, marcada por uma forte originalidade, surge em 1912 com a publicação da sua tese “O Criacionismo - Esboço de um Sistema Filosófico”, e subsequentemente com, em 1913 “A Morte”, em 1915 “O Pensamento Criacionista” e em 1916 “A Alegria, a Dor e a Graça”. Estas obras permitem já ter umas ideias sobre os dois problemas do sistema de Leonardo Coimbra: “O seu Deus e os seus Homens”. Publica ainda, em 1918 “A Luta pela Imortalidade”.

A segunda fase, chamada “pós-criacionista” inicia-se com a publicação, em 1920, da obra “Do Amor e da Morte”, e mais tarde com a publicação de “O Pensamento Filosófico de Antero de Quental” e ainda, da obra considerada por muitos, a mais significativa, “A Razão Experimental”. É ainda importante referir três opúsculos: “Guerra Junqueiro”, “Jesus” e “S. Francisco”. Nesta fase, surgem ainda, outra obra: os “Cânticos de Amor” também chamados por “Adoração”, publicados em 1921.<sup>12</sup>

Recordando todo o seu passado e quem sabe prevendo todo o seu futuro, Leonardo Coimbra deixa a obra “A Rússia de hoje e o Homem de sempre”, publicada em 1935:

---

<sup>9</sup> Cf. ALVES, Ângelo – *Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça*, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 182.

<sup>10</sup> SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005, p. 46.

<sup>11</sup> Cf. ALVES, Ângelo – *Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça*, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 185.

<sup>12</sup> Cf. SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005, p. 46.

“Leonardo Coimbra como que revendo todo o seu pensamento, como que antevendo todo o seu futuro, quis deixar-nos, - qual testemunho – uma ampla e revolucionária visão dos três principais Humanismos, à luz da síntese cristã e católica. Chamou-lhe, intrépido e visionário, “A Rússia de hoje e o Homem de sempre”.<sup>13</sup>

A obra, publicada após a sua morte, “O Homem às mãos com o Destino” é um forte sinal do seu pensamento e dele mesmo. Ficou conhecido como um criacionismo no verdadeiro sentido da palavra, aquele que viveu e consumou a fé:

“Assim, talvez que ela tivesse ganho mais amplo sentido: projecção fiel da sua experiência total, um Criacionismo no puro sentido da palavra, que o próprio Filósofo viveu e consumou na Fé. À sombra desta fé se abrigou, vindo dos longes da ciência e dos modernos pragmatismos”.<sup>14</sup>

Nas suas obras “O criacionismo”, “O Pensador Criacionista” e “A Razão Experimental” Leonardo, apresenta uma total dialéctica (a da ciência, a da arte, a da moral e a da religião) na qual debate as principais teorias do conhecimento: o empirismo puro, o racionalismo puro e “a hipótese em que o conhecimento resulta da racionalização da intuição”. Reforça mais tarde a sua ideia com uma segunda obra, com a intenção de mostrar que a dialéctica criacionista é a única teoria em que o conhecimento com a ajuda da ciência se adapta à realidade que pensa e que cria<sup>15</sup>.

Na obra “A Razão Experimental”, Leonardo Coimbra apresenta um evoluir do raciocínio que nos remete para a ideia de que: «Deus será, agora como nunca, a única garantia do valor moral das nações humanas, a que “nada nem ninguém pode obstar”». <sup>16</sup>

Antero Simões aponta para a intenção de Leonardo em conceber a unidade dos vários ramos do saber, para indicar normas de vida, para vias de acção modelos exemplares. Afirmando que os modelos deduzem-se dessas normas, sendo esses modelos assinalados a partir da própria História da Humanidade, Leonardo Coimbra gera o homem:

“Dentro de uma dialéctica personalista, moralizante e espiritualista, concebe-o superiormente dentro da metafísica da “liberdade”. É pois um mundo-por-fazer, o obreiro desse mundo, que “não é

---

<sup>13</sup> SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005, p. 47.

<sup>14</sup> SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005, p. 16.

<sup>15</sup> Cf. SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005, p. 53-54.

<sup>16</sup> SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005, p. 54.

uma inutilidade”, nem será nem escravo, nem imperador, nem eremita em deserto, mas uno como “operário” dum novo mundo que terá de evoluir à custa do poder da sua razão e do seu amor.”<sup>17</sup>

Portugal reconheceu o valor intelectual de Leonardo Coimbra, ainda em vida, dado que nas várias instituições públicas e particulares recebeu diplomas honrosos. Foi sócio do Instituto Histórico do Minho, sócio correspondente da Academia de Ciências de Lisboa e ainda recebeu várias condecorações, a Grã-Cruz da Ordem de Santiago e de Isabel a Católica.<sup>18</sup>

## **2. Conversão de Leonardo Coimbra ao catolicismo e evolução do seu pensamento.**

O dia 24 de Dezembro de 1935 é considerado como dia do regresso formal de Leonardo Coimbra à Igreja Católica, de forma simples, sem pompa, com alguns familiares e amigos, e é o ponto de viragem do grande filósofo e literato, pedagogo, orador que optou, de livre vontade e num caminho de incessante busca, por regressar à comunhão da Igreja. Vejamos o que nos refere Ângelo Alves:

“Embora de forma discreta, recebe das mãos e pelo ministério do «santo» Pe. Cruz, os sacramentos do Matrimónio e da Eucaristia. Era o termo lógico e ousado de um longo itinerário filosófico e espiritual, o regresso à Fé da Infância – fora educado, como interno no Colégio Católico de N. S. Do Carmo, em Penafiel, até aos 14 anos - a conversão total e inequívoca.”<sup>19</sup>

Este regresso, depois do seu afastamento ao catolicismo, é precedido por alguns acontecimentos, na vida pessoal e familiar de Leonardo Coimbra. O que teve grande preponderância na conversão do pensador português foi a conversão que ocorreu com o seu filho Leonardo Augusto. Apesar de haver quem defenda que sua conversão intelectual à fé cristã já teria acontecido anteriormente, daí o seu acompanhar com mais atenção e sensibilidade o percurso de conversão ao cristianismo, pois o seu filho sem querer era baptizado, ao contrário de Leonardo Coimbra. No entanto, havia entre eles o comungar da mesma opção. Convém também referir que muito deste caminho de aproximação de Leonardo Augusto foi feito num período de provação da doença, quando se viu obrigado a interromper o seu curso de Medicina para descansar, devido

---

<sup>17</sup> SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005, p. 281.

<sup>18</sup> Cf. SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005, p. 15.

<sup>19</sup> ALVES, Ângelo – *Leonardo Coimbra filósofo da liberdade e do amor infinito*. Lisboa: Fundação Lusíada, 2003, p. 143.

ao problema de saúde. Neste período de inactividade foi confrontado com as leituras das fontes cristãs, operando-se uma certa conversão anterior a algo que seu pai de forma mais intelectual já tinha sido confrontado.<sup>20</sup> Porém há caminho e evolução como algo gradual e evolutivo, então vejamos:

“Já em 1934, referia ao Pe. António de Magalhães que algo de interessante estava a passar-se com Leonardo Augusto. Ambos conversavam muito sobre religião. Mas o filho, por enquanto, mantinha uma atitude hostil para com a Igreja Católica. O pai, por sua vez, «conservava uma atitude sacerdotal de orientação» e de defesa compreensiva. Nunca, porém, falara ao filho em conversão. Influíra nela, esclarecendo as dúvidas e, directamente, pouco mais. Terá contribuído, talvez, com um costume que lhe era muito caro e antigo. Gostava, sobremaneira, de ler em voz alta e, nas tardes de domingo, ainda em Matosinhos (portanto, antes de fixar-se no Porto, em razão da doença do filho), lia com ele, o Novo Testamento, comentando-o.”<sup>21</sup>

Apesar disto, a vida de Leonardo Coimbra acabou fatalmente num acidente de viação, de modo que houve quem afirmasse que a conversão deste teria sido mais uma experiência ou inclinação emocional do momento, e não um acto de inteligência. Desde logo, o seu filho Leonardo Augusto que defende que a conversão do seu pai foi algo autêntico e definitivo, como assimilação e acto de inteligência em que a fé irrompe num mais pleno acto de liberdade, como opção da máxima racionalidade e clarividência, como acto de verdadeira conversão.<sup>22</sup>

Um dos discípulos de Leonardo Coimbra, Sant’anna Dionísio considera que o temperamento de Leonardo era mais forte do que o seu pensamento, havendo porventura quem afirmasse que a emoção se sobrepôs à razão. Ou seja, Leonardo mais do crer tinha a ambição e objectivo de crer, apesar de se reconhecer que Leonardo é realmente um homem religioso, como atestam as suas obras. Convém como tal, referir o que refere José Augusto Seabra<sup>23</sup>, ao referir que Leonardo referindo a D. António Ferreira Gomes, quando este se refere a Leonardo Coimbra e contrariando a tese de Sant’anna Dionísio, citava uma frase de Karl Rahner: “Eu creio Senhor, mas ajuda a minha incredulidade!”. Estamos perante alguém que tem fé, mas cujo perfil de busca do conhecimento e verdade o elevava a uma constante busca, e é isso que D. António

---

<sup>20</sup> Cf. ALVES, Ângelo – *Leonardo Coimbra filósofo da liberdade e do amor infinito*. Lisboa: Fundação Lusíada, 2003, p. 143-148.

<sup>21</sup> ALVES, Ângelo – *Leonardo Coimbra filósofo da liberdade e do amor infinito*. Lisboa: Fundação Lusíada, 2003, p. 146.

<sup>22</sup> Cf. Ângelo – *Leonardo Coimbra filósofo da liberdade e do amor infinito*. Lisboa: Fundação Lusíada, 2003, p. 146.

<sup>23</sup> Cf. SEABRA, José Augusto – *Leonardo Coimbra e o cristianismo*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 312-322.

Ferreira Gomes elucida no carácter incessante de Leonardo Coimbra, não podendo por isso negar a sua conversão.<sup>24</sup>

Mas podemos constatar que, em Leonardo Coimbra, há um intervalo entre conversão interior e de pensamento e uma conversão exterior e pública, plenamente assumida. Este intervalo é de cerca de dez anos.<sup>25</sup> Se tivermos em linha de conta que a publicação da obra em análise “A Alegria, a Dor e a Graça” foi escrita em 1916 e a sua conversão pública e formal se deu em 1925 reparamos que, de certa forma, a ideia de Deus e dos princípios cristão estão já muito presentes e que, de certa maneira, as páginas desta obra isso atestam e demonstram. Naquilo que consideram, apesar do estilo ser a prosa, a profundidade e beleza literária transportam-nos para um “poema metafísico”<sup>26</sup>, devido às sensações e referências religiosas e teológicas para que a obra nos eleva. Nas suas obras ele apresenta a visão de um conjunto de diversos humanismos, com base na síntese cristã e católica:

“Que demonstração enorme de saber científico e filosófico, que rasgos de inspiração ardente, que ousadias de encarnação simbólica, que erudita discussão das mais diversas formas de cultura, que apaixonante vivência de um drama religioso não evidenciou Mestre Leonardo Coimbra.”<sup>27</sup>

Convém situar, na sua conversão, o problema de Deus e forma como toma consciência individual dele num campo mais teórico, como percepção da sua realidade e de um Amor que procura. É no campo do próprio Criacionismo que Deus se comprova e encontra Leonardo Coimbra. Numa perspectiva mais cósmica procura-se os valores morais e éticos que originam a interpelação de Deus em Leonardo, o apenas um caminho até chegar a experiência, que gradualmente o eleva para a consciência de algo superior, dos essenciais atributos, como a Transcendência, a unidade, a eternidade, a onipotência e a imensidade, um plano distinto e elevado.<sup>28</sup> Vejamos o que refere António Braz Teixeira ao reflectir na ideia de Deus em Leonardo:

---

<sup>24</sup> Cf. SEABRA, José Augusto – *Leonardo Coimbra e o cristianismo*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 321-322.

<sup>25</sup> Cf. ALVES, Ângelo – *Leonardo Coimbra filósofo da liberdade e do amor infinito*. Lisboa: Fundação Lusíada, 2003,., p. 154.

<sup>26</sup> Cf. ALVES, Ângelo – *Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça*, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 182.

<sup>27</sup> SIMÕES, Antero – *Deus e os Homens de Leonardo Coimbra*. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005, p. 15.

<sup>28</sup> Cf. TEIXEIRA, António Braz – *A Ideia de Deus no pensamento de Leonardo Coimbra*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 303-307.

“Quanto ao problema de Deus, atribui-lhe o pensador claro sentido e conteúdo éticos, ao afirmar reconduzir-se ele à questão de saber se a ideia de Deus resulta de juízos de existência ou de juízos de valor, ou noutra formulação mais precisa, se os valores apresentam um significado cósmico e substancial ou apenas humano e limitado, se a moral humana é uma simples aparência e pura fenomenalidade natural ou é a realidade medular, propriamente substancial.”<sup>29</sup>

Apesar das dúvidas e do modo como o processo decorreu notamos em Leonardo Coimbra que na sua relação com o cristianismo há uma procura de convergência, de ascensão por um Deus que o fascinou, numa busca de encontro. Reparemos pelo modo como ele se refere ao cristianismo, como algo que o angustia, mas também como algo de fascinante e que é obrigado como justiça intelectual:

“Para dar testemunho de Deus aos homens não era necessário atravessar uma fogueira ficando indemne, mas percorrer a Dor, livremente e por amor deles. Todo o cristianismo é um ensinamento da Dor. «... Quando deres algum banquete convida os pobres, os aleijados, os coxos e os cegos.» Maior e mais pura é a sua gratidão, porque o convite foi desinteressado. Nenhuma recompensa material vos será dada, apenas um sincero agradecimento, vindo da pureza da alma. Ao homem que cumpriu os mandamentos e quer a vida eterna, ele diz. «... Ainda te falta uma cousa; vende tudo quanto tens, e dá-o aos pobres, e terás um tesouro no céu; e depois vem e segue-me.» A indigência facilita a salvação, porque tira o homem debaixo dos bens, que, não sendo da alma, a sobrecarregam e desviam.”<sup>30</sup>

---

<sup>29</sup> TEIXEIRA, António Braz – *A Ideia de Deus no pensamento de Leonardo Coimbra*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 305.

<sup>30</sup> COIMBRA, Leonardo – *A Alegria, a Dor e a Graça*. Porto: Edição da «Renascença Portuguesa Porto», 1916, p. 201. (ADG)

## II - Influências ao pensamento e método filosófico de Leonardo Coimbra, na perspectiva da obra: “A Alegria, a Dor e a Graça”.

Todos nós nascemos situados num contexto, e como é lógico o filósofo Leonardo Coimbra acaba por directamente marcar a redacção desta obra do autor. As coordenadas espaço, tempo, cultura, história e meio social são o conjunto de influências, porém porque este trabalho não justifica e não é exaustivo a esse ponto, decidi somente abordar algumas influências.<sup>31</sup> Optei por um lado, por pôr em relação o filósofo francês Henri Bergson com Leonardo e com a obra. Por outro lado, procuro fundamentar o sistema filosófico de Leonardo Coimbra - o Criacionismo - que de certa forma está evidenciado na obra e sua estrutura.

Como há, da parte de Leonardo Coimbra, uma admiração por Bergson e a própria obra, e apesar de não pertencer de forma deliberada à produção filosófica do autor é algo de muito precioso para o autor que pretendo estudar. Vejamos no que afirma Ângelo Alves, e que serve de mote para o que vou expor:

“Dois predicados que ele próprio admira em Bergson, «o mais paradoxal artista e o mais profundo filósofo». Duas vertentes da sua personalidade ou dois processos de pensamento que não são ente si comunicáveis. O filósofo teoriza, ao nível da razão, o que o artista sente e exprime ao nível da emoção. A literatura metafísica é enquadrada no sistema racional. Aí encontra a sua justificação como forma superior de conhecimento, como único meio de abordar o irracional que à razão constantemente se opõe, na sua actividade elaborada do real... (A Alegria a Dor e a Graça) não é uma pérola preciosa e subitamente aparecida e artificialmente encostada no esqueleto ressequida de um sistema racional. É, antes, o fruto mais grandioso e mais amadurecido de um pendor espiritual, a exemplar concretização da forma mais consciente e crítica de intuicionismo metafísico.”<sup>32</sup>

É a partir das influências, do pensamento de Henri Bergson e do próprio sistema de Leonardo - o Criacionismo - que a obra “A Alegria, a Dor e a Graça” se situa, mas convém não ficar amarrado apenas a estes influxos na obra, pois a riqueza e profundidade desta vai mais além, tal como, a evolução pessoal do próprio autor que também é muito preponderante.

---

<sup>31</sup> Cf. ALVES, Ângelo – As influências na elaboração do Criacionismo. A Biblioteca de Leonardo Coimbra. *Humanística e Teologia*. Porto. Fasc. 2. TOMO IX. (1988), p. 223.

<sup>32</sup> ALVES, Ângelo – Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 193.

## **1 – Influência de Henri Bergson no pensamento de Leonardo Coimbra na obra: “A Alegria, a Dor e a Graça”**

O pensamento mais maturado de Leonardo Coimbra tem influência clara de Henri Bergson na originalidade do seu espiritualismo, definindo-se como evolucionismo espiritualista.<sup>33</sup> Há por parte de Leonardo Coimbra inusitadas referências ao pensamento de Bergson, com uma presença constante nas referências, na crítica e refutação contribuindo de forma essencial para a definição do pensamento de Leonardo Coimbra.<sup>34</sup> Na linha disto, basta olhar para as suas obras:

“Leonardo Coimbra mostrou a conhecer Bergson de “Criacionismo” (1912) até à obra intitulada precisamente “A Filosofia de Henri Bergson” (1932), onde Leonardo se revela um profundo conhecedor da globalidade da obra do filósofo francês. “O Pensamento Criacionista” (1915), “A Alegria a Dor e a Graça” (1916) e a “Razão Experimental” (1923), obras cronologicamente intermédias referem também abundantemente o pensamento e a obra de Bergson”.<sup>35</sup>

Sendo assim situando a obra “A Alegria, a Dor e a Graça” convém numa primeira fase compreender o pensamento de Henri Bergson, depois é necessário verificar os pontos de relação presente na obra, do pensamento bergosiano e situá-lo na abrangência do pensamento de Leonardo Coimbra em especial desta obra.

### **1.1 Traços gerais do pensamento de Henri Bergson**

Henri Bergson nasceu em 1859 e morreu 1941, em Paris sua cidade de sempre. Este autor pertence à geração de filósofos do início do séc. XX, seu pensamento situa-se numa época em que o cientificismo exercia sua tirania sobre os espíritos, neste sentido, Bergson restaura a metafísica para alcançar o Absoluto, fazendo forte oposição as três

---

<sup>33</sup> Cf. REALE, Giovanni; ANTISIERI, Dario. *História da filosofia – Do Romantismo até aos nossos dias*. São Paulo, Paulus. 2003, Vol.III. 6ª Edição. p. 708.

<sup>34</sup> Cf. CASTRO, José Acácio Aguiar – Leonardo Coimbra, leitor e crítico de Henri Bergson. In ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL – *Pensadores Portuenses Contemporâneos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002, vol.II , p.339.

<sup>35</sup>CASTRO, José Acácio Aguiar – Leonardo Coimbra, leitor e crítico de Henri Bergson. In ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL – *Pensadores Portuenses Contemporâneos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002, vol.II . p. 339.

maiores correntes do pensamento do séc. XX, o Existencialismo, o Marxismo e o Estruturalismo.<sup>36</sup>

Assim sendo, o pensamento de Bergson influencia directamente Leonardo Coimbra há uma ligação que leva que a sua última obra publicada seja intitulada: “A Filosofia de Henri Bergson”. Contraria porém a ideia de aqueles que pensam que Leonardo Coimbra é bergosiano com variações, ou pensar que é “um bergosiano à portuguesa”.<sup>37</sup> Aguiar de Castro, num ensaio acerca de “Leonardo Coimbra, leitor e crítico de Henri Bergson” refere:

“Felizmente este erro interpretativo, fruto mais puro desconhecimento de que inépcia hermenêutica, pois já ultrapassado pelos exaustivos trabalhos de Alexandre Marujão, Álvaro Ribeiro, Ângelo Alves, Arnaldo Pinho, José Marinho e Manuel Ferreira Patrício”.<sup>38</sup>

No entanto, ocupa o lugar fundamental no pensamento da obra de Leonardo Coimbra.<sup>39</sup> Apresentado de forma sistemática o pensamento bergosiano apresenta-se em cinco grandes temáticas, tendo como ponto de contacto com o pensamento de Leonardo Coimbra: a primeira temática é uma filosofia do imediato, a intuição como método; a segunda assenta na duração vivida como experiência privilegiada e modelo do imediato; o terceiro ponto, é a nova concepção da relação entre o corpo e o espírito; o quarto é um plano de duração: o élan vital criador; e o quinto e último é o tema fechado e aberto o estático e dinâmico.<sup>40</sup>

Partindo do seu primeiro ponto, o imediato enquanto filosofia esta não se concretiza com pensamentos racionalistas anteriores, pois este tema em Bergson adquire nova diversidade ontológica e original<sup>41</sup>. Desde logo, nos revela o imediato como objecto do conhecimento fora de qualquer conceito, revela-nos também o conhecimento sem mediações entre o sujeito e o objecto. É neste carácter do imediato da intuição que

---

<sup>36</sup> Cf. BARAQUIN, Noella; LAFFITTE, Jacqueline – Bergson, Henri. In *Dicionário de Filósofos*. São Paulo: Edições 70, 2007. p. 64-65.

<sup>37</sup> Cf. CASTRO, José Acácio Aguiar – Leonardo Coimbra, leitor e crítico de Henri Bergson. In ACTAS DO CONGRESO INTERNACIONAL – *Pensadores Portuenses Contemporâneos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002, vol.II. p. 342.

<sup>38</sup> CASTRO, José Acácio Aguiar – Leonardo Coimbra, leitor e crítico de Henri Bergson. In ACTAS DO CONGRESO INTERNACIONAL – *Pensadores Portuenses Contemporâneos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002, vol.II. p. 342.

<sup>39</sup> ALVES, Ângelo – *Leonardo Coimbra filósofo da liberdade e do amor infinito*. Fundação Lusíada. Lisboa. 2003, p. 263.

<sup>40</sup> Cf. BARAQUIN, Noella; LAFFITTE, Jacqueline – Bergson, Henri. In *Dicionário de Filósofos*. São Paulo: Edições 70, 2007. p. 65-72.

<sup>41</sup> RAMOS, António Pintor – *Historia de la filosofia contemporânea*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2002. p. 285.

faz da consciência a visão infinitiva do objecto observado num conhecimento que é do contacto e identificação que promove a individualidade do ser e do objecto no singular da diferença. Havendo dessa forma um refundar da liberdade de consciência pessoal de expressão em oposição ao determinismo pois procuram causas determinantes da acção e não percebem o único e profundo é a consciência toda com a sua história.<sup>42</sup>

O Ser e Absoluto confere-lhe singular e a nuance da diferença. Assim, a ciência afasta-nos da duração nas durações simbólicas do mundo, do imediato da duração, numa inversão dos métodos intelectuais adquiridos da relação com objectos distribuídos no espaço e na função das necessidades de acção. Temos explicitamente o objectivo de afastar os símbolos do convencional e imposto do quotidiano, favorecendo contacto genuíno com as coisas.<sup>43</sup>

Em Bergson a questão do Tempo também é explorada e a podemos também abordar é plano da relação da filosofia com a Ciência e a questão do Tempo, naquilo que consiste, o que é? Poderá haver mais que um Tempo? Podemos dizer que há diversidade de Tempo do Científico dos relógios que positivamente rodam e dão um Tempo, mas há também o Tempo do relógio humano. Ou seja, o Tempo natural e científico e aquele que o Tempo humano e psicológico.<sup>44</sup>

Assim temos uma duração vivida na perspectiva intemporal e irreversível de difícil percepção numa indefinição temporal do passado que é presente. Bergson define também o “*eu profundo*” como individual da plenitude da liberdade. O nosso acto livre corresponde à analítica dos sentimentos, pensamentos e aspirações pessoais e íntimas na expressão mais efectiva da nossa liberdade.<sup>45</sup>

Outra grande temática é da duração vivida na experiência privilegiada e modelo do imediato, de oposição ao que Descartes defende do “*penso logo existo*” Bergson interpreta-o como “*eu flui (dura)*”, uma intuição com duração vivida e compreendida que é intemporal e profunda. A transformação do passado no presente, de um “*eu*

---

<sup>42</sup> Cf. REALE, Giovanni; ANTISIERI, Dario. *História da filosofia – Do Romantismo até aos nossos dias*. São Paulo, Paulus. 2003, Vol.III. 6ª Edição. p. 713.

<sup>43</sup> Cf. BARAQUIN, Noella; LAFFITTE, Jacqueline – Bergson, Henri. In *Dicionário de Filósofos*. São Paulo: Edições 70, 2007. p. 66-68.

<sup>44</sup> FIOLEAIS, Carlos – *Bergson, Einstein, Coimbra e o problema do tempo*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 81.

<sup>45</sup> Cf. BARAQUIN, Noella; LAFFITTE, Jacqueline – Bergson, Henri. In *Dicionário de Filósofos*. São Paulo: Edições 70, 2007. p. 67 – 68.

*profundo*” de cariz mais pessoal e interior na singularidade irreduzível de duração pois é na liberdade e não na arbitrariedade pura, de um acto livre de sentir e pensar livre.<sup>46</sup>

Uma das linhas gerais também do pensamento de Bergson é a concepção da relação entre corpo e espírito pois para um ser consciente existir este tem que amadurecer e criar indefinitivamente. Assim esta relação corpo e espírito dentro do pensamento bergsoniano resultam de uma consequência e de alcance metafísico. O espírito tem o passado sem espacialidade ou carácter psicológico, mas de existência perene da consciência do espírito que extravasa a vida cerebral sem supor que o corpo e o espírito sejam inseparáveis, como algo que é verificável:

“imortalidade da alma não pode ser provada de forma experimental, e a sobrevivência possível e até à provável da alma resulta da independência da quase totalidade da consciência relativamente ao corpo”.<sup>47</sup>

Outra perspectiva saída da ideologia de Bergson é o plano de duração do élan vital e criador, como determina o autor, é como uma passagem da duração vivida à duração cósmica, tal como eu da vida na lógica, numa duração anterior que se mostra no caminho ao Absoluto, apesar de limitado e de uma evolução de duração vivida da espontaneidade da criação. Esta oposição ao positivismo, ao finalismo e ao mecanicismo é para prevalecer a doutrina finalista do fim actualizado na vida, sendo deste modo a evolução já previamente determinada, pois a vida é irreduzível numa explicação físico-química e tem um carácter inventivo na vida e na linha da evolução com imprevisibilidade e saltos descontínuos.<sup>48</sup> Assim, a vida é um processo irreversível como algo duradouro:

“a vida, em suma, é evolução criadora, criação livre e imprevisível, é “impulso vital” (élan vital) que não precisa de se distender para se entender. É a matéria nada mais é do que o momento parado do impulso vital”.<sup>49</sup>

Sobre este élan vital convém dizer que contém em si um duplo movimento um ascendente de espiritualização, na busca dos destinos mais elevados, mas tem também um descendente de materialização na linha do dinamismo criador e da evolução natural.

---

<sup>46</sup> Cf. REALE, Giovanni; ANTISIERI, Dario. *História da filosofia – Do Romantismo até aos nossos dias*. São Paulo, Paulus. 2003, Vol.III. 6ª Edição. p. 712 – 714.

<sup>47</sup> Cf. BARAQUIN, Noella; LAFFITTE, Jacqueline – Bergson, Henri. In *Dicionário de Filósofos*. São Paulo: Edições 70, 2007. p. 68-69.

<sup>48</sup> Cf. BARAQUIN, Noella; LAFFITTE, Jacqueline – Bergson, Henri. In *Dicionário de Filósofos*. São Paulo: Edições 70, 2007. p. 70.

<sup>49</sup> REALE, Giovanni; ANTISIERI, Dario. *História da filosofia – Do Romantismo até aos nossos dias*. São Paulo, Paulus. 2003, Vol.III. 6ª Edição. , p. 718.

E neste sentido que percebemos que a evolução como algo que se constrói através do que termina.<sup>50</sup>

A última grande temática de Henri Bergson é a concepção dialéctica do fechado e do aberto e do estático e dinâmico. Tendo o “élan vital” o ser-humano como última tarefa este desdobra-se no ascendente criador e na queda, que se traduz na sociedade moral e religião da dialéctica fechada e aberta e estática e dinâmica. A religião estática é assim as condições da espécie humana, através das crenças primitivas e mitológicas, tal como os cultos e dogmas religiosos. Já a religião aberta e dinâmica, tem em si o élan vital criador da vida e transcende das condições da existência do homem, dos limites que a matéria lhe impõe que só os grandes místicos ultrapassam, porque estes esforçam-se por prolongar assim a acção divina. E assim temos um Deus enquanto energia criadora que inicialmente se confunde élan vital que dele emana, sendo Deus o centro de onde brotam os mundos, sendo concebido como emanção contínua e permanente. Pois, na linha de Pascal não concebe um deus dos filósofos ou dos sábios, mas um Deus vivo, não o da revelação (Sagrada Escritura), mas a revelação individual como misticismo como contacto de coincidência do esforço criador da acção de êxtase e intimidade de vida, da força do criador como novo no meio religioso.<sup>51</sup>

No seguimento disto, percebemos que Leonardo Coimbra interroga-se para perceber o sentido último da Criação, nesta sequência vê o Bergsonianismo a aproximar-se de uma metafísica de cariz cristão, no entanto o pensamento de Leonardo Coimbra afasta-se de totalmente de Bergson. Há como a aproximação definitiva por parte de Leonardo Coimbra da metafísica católica, como superação das influências que Bergson tinha em Leonardo Coimbra, bem como superação do seu próprio Criacionismo.<sup>52</sup> Como refere Leonardo na sua obra “Filosofia de Henri Bergson” ele elucida para esta evolução e crítica que referi:

“Bergson consentirá (e parece consentir no último livro pelo menos) na minha preposição, dizendo-me ainda que afirmo a integral dependência de todos os seres em relação a Deus? Muito bem, então entraria um novo significado da ideia de nada que nos daria uma melhor interpretação da filosofia platónica-aristotélica e de muita filosofia moderna.<sup>53</sup>

---

<sup>50</sup> Cf. Cf BARAQUIN, Noella; LAFFITTE, Jacqueline – Bergson, Henri. In *Dicionário de Filósofos*. São Paulo: Edições 70, 2007. p. 70.

<sup>51</sup> Cf. Cf BARAQUIN, Noella; LAFFITTE, Jacqueline – Bergson, Henri. In *Dicionário de Filósofos*. São Paulo: Edições 70, 2007. p. 70- 72.

<sup>52</sup> PINHO, Arnaldo – Experiência e conhecimento de Deus em Leonardo Coimbra. *Humanística e Teologia*. Fasc. 1-2. TOMO XVI. (1995), p. 22-23.

<sup>53</sup> COIMBRA, Leonardo – *A Filosofia de Henri Bergson*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994. Coleção Pensamento Português. p.146-147.

Compreender o pensamento filosófico de Bergson foi um desafio pois a influencia deste em Leonardo Coimbra e em especial na obra: “A Alegria, a Dor e a Graça”, é de certa forma considerável. Há de certa maneira algo, que convém desde já reafirmar é que Leonardo suplanta de certa forma o Bergsonianismo e a sua própria concepção filosófica o Criacionismo, que nele havia e aproxima-se das concepções católicas, e daí esta afirmações seres como um pórtico introdutório desta relação, para se perceber a obra neste afinidade com o pensamento de Bergson e a sua superação, dentro desta nova nuance que é o catolicismo, na vida de Leonardo Coimbra, como afirma Arnaldo Pinho:

“Ou seja, Leonardo já denota aqui uma aproximação definitiva da metafísica tradicional católica, em virtude da qual critica e de certa maneira supera o Bergsonianismo, mas também o seu próprio Criacionismo”<sup>54</sup>

## ***1.2 – O pensamento bergosiano na obra: “A Alegria, a Dor e a Graça”***

Na linha do que já foi referido nuns breves apontamentos do pensamento de Henri Bergson, vamos agora perceber os pontos de contacto e afastamento dos dois autores, pois há traços e linhas de força do pensamento de Henri Bergson em especial nesta obra de Leonardo Coimbra.<sup>55</sup>

A temática do Tempo é aquela que nos é apresentada pelos dois autores. Para Bergson o Tempo adquire uma espacialidade mecânica como dos ponteiros dos relógios, num movimento certo e objectivo, em espaço determinado com o movimento num espaço, como tempo reversível das repetições das coisas. E adquire também o Tempo como duração que é o tempo da consciência com um instante que pode valer a eternidade e duração da consciência como irreversível do hoje distinto do ontem. No

---

<sup>54</sup> PINHO, Arnaldo – Experiência e conhecimento de Deus em Leonardo Coimbra. *Humanística e Teologia*. Fasc. 1-2. TOMO XVI. (1995), p. 23

<sup>55</sup> Cf. CASTRO, José Acácio Aguiar – Leonardo Coimbra, leitor e crítico de Henri Bergson. In ACTAS DO CONGRESO INTERNACIONAL – *Pensadores Portuenses Contemporâneos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002, vol.II. p. 339.

tempo da consciência (duração) temos os estados das coisas que se sucedem já o espaço no seu tempo e o simultâneo que se distinguem sem se suceder.<sup>56</sup>

Neste sentido, a obra “*A Alegria, a Dor e a Graça*” como refere Manuel Ferreira Patrício:

“o próprio título indica já, de certo modo, uma analogia do tempo. Este livro é uma sinfonia, em três tempos, movimentos ou andamentos”<sup>57</sup>.

Pois se se a Alegria e a Dor falam de realidades concretas e objectivas do Tempo, já a Graça é Trans-Tempo, como tempo de liberdade que nos transferem para o Transcendente e o Infinito. Há como se uma passagem de uma concepção filosófica para uma concepção metafísica, inerente ao conhecimento e descoberta que o autor vai tendo de Deus. E leva Leonardo Coimbra a “transformar” em parte a sua ideia acerca do bergsonianismo numa metafísica de inspiração cristã.<sup>58</sup>

Este Trans-Tempo que a Graça como tempo privilegiado é como um aceno da eternidade da liberdade, numa configuração mais crística que Bergson não elabora.<sup>59</sup> Pois a Graça é-nos apresentada na obra como:

“vitória da unidade sobre a pluralidade, da quantidade sobre o número, da liberdade sobre a necessidade”.<sup>60</sup>

A sensação da liberdade porque é em cada forma, a presença do Infinito, que criou e a sustentou”.<sup>61</sup>

“A graça é o sorriso da liberdade. Mas existe a liberdade, não será uma ilusão e com ela, a Graça uma sensação fala? Se quereis um universo sólido e consistente, onde a acção encontre ponto de partida, fim e meios tereis de admitir o mais Absoluto e completo determinismo”.<sup>62</sup>

Assim, o Tempo da Graça o homem no tempo físico e psicológico alcançam a plenitude deste mesmo Tempo como algo ontológico da liberdade de plenitude.<sup>63</sup>

---

<sup>56</sup> Cf. REALE, Giovanni; ANTISIERI, Dario. *História da filosofia – Do Romantismo até aos nossos dias*. São Paulo, Paulus. 2003, Vol.III. 6ª Edição. p. 711 – 712.

<sup>57</sup> PATRÍCIO, Manuel Ferreira – *Introdução ao estudo da ideia de tempo em Leonardo Coimbra*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1999, p. 100-101.

<sup>58</sup> PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra – Biografia e Teologia*, p.49.

<sup>59</sup> Cf. PATRÍCIO, Manuel Ferreira – *Introdução ao estudo da ideia de tempo em Leonardo Coimbra*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 101.

<sup>60</sup> ADG, p. 206.

<sup>61</sup> ADG, p. 208.

<sup>62</sup> ADG, p. 212-213.

<sup>63</sup> Cf. CASTRO, José Acácio Aguiar – *Leonardo Coimbra, leitor e crítico de Henri Bergson*. In ACTAS DO CONGRESSO INTERNACIONAL – *Pensadores Portuenses Contemporâneos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002, vol.II. p. 344.

“E como nos sentimos vagamente durar, como o Tempo é em nós, no pluralismo das sensações e dos desejos é um Tempo sem mácula do Espaço, a primeira realidade do mundo bergsonista”.<sup>64</sup>

Outra linha de pensamento que aborda a questão do Tempo é na Alegria com a analogia do dia. Sendo este, movimento do sol ao longo do dia, o dia do homem concretizado como princípio orgânico de um vector desde o Tempo que a Alegria assume.<sup>65</sup>

Sobre esta analogia do dia na Alegria temos estas percepções quando se refere ao início do homem na sua gradual evolução e temos, ou seja, o início do dia de cada vida, primeiro do tempo das crianças:

“Eis a primeira Alegria: a alegria da aurora. As vidas não despertam, renascem; e eis porque cada alvorada é inédita e sem par. O Mundo sai do Céus todas as manhãs. Louvores à primeira Alegria, que é a perpétua vitória sobre a morte, a renovada e eterna Criação. É a Alegria da cotovia e das crianças! No primeiro sorriso luminoso caminha embalado o canto da cotovia e a babélica garrulice da humanidade infante.”<sup>66</sup>

Neste plano de evolução a abordagem e a evolução do homem, a fase que antecede a idade adulta a puberdade dentro de um plano integral da evolução também esta temporal:

“Um primeiro estado do homem a quietação do adulto, seguindo-se o primitivo deslumbramento. Entre a primeira infância a puberdade havendo um momento de estagnação de passividade imitativa da vida em moldes exteriores e alheias.”<sup>67</sup>

A própria questão da Dor tem também um cariz espacial nas perguntas feitas até de certa forma, de modo obsessivo das questões escatológicas, da ausência de tempo, do fim do caminho, do tempo de solidão e falta de luz que ilumine o percurso humano no tempo.<sup>68</sup> A comprovar isto poderemos olhar como Leonardo na obra se refere à Dor:

“O Universo às escuras, e, em nós é fora, mas sempre muito longe, um ponto de luz hesitante... assim a consciência no Espaço. De astro em astro leva o éter o estremecimento luminoso, só as consciências não encontraram a Unidade que as prende.”<sup>69</sup>

---

<sup>64</sup> ADG, p. 229-230.

<sup>65</sup> Cf. PATRÍCIO, Manuel Ferreira – *Introdução ao estudo da ideia de tempo em Leonardo Coimbra*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 101.

<sup>66</sup> ADG, p. 11-12

<sup>67</sup> ADG, p. 44.

<sup>68</sup> Cf. PATRÍCIO, Manuel Ferreira – *Introdução ao estudo da ideia de tempo em Leonardo Coimbra*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 101.

<sup>69</sup> ADG, p. 126.

No entanto, a dúvida Escatológica do Tempo que se confunde na relação do paradigma da Alegria que é vitoriosa e simples, já a dor é emocionada e transcendente das descidas aos abismos como inflexão das forças ocultas, de um auge do metafísico auxílio, de um esforço que no cristianismo tem sua implicação em Cristo, de uma dor que é redentora e salvadora de Tempo que se atingirá pela Graça<sup>70</sup>:

“Sim; o Cristianismo é a grande religião da dor. De tal modo ele acolheu os pobres e os miseráveis que não nos acode a lembrança da mais luxuosa catedral ou a mais modesta capela um longo círculo de escorraçadas da Alegria, implorando amor e piedade. Amar a vida é compreendê-la, alargar o seu círculo de acesso para lá das vitórias naturalistas da selecção, dar-lhe um sentido que se não perca e valha em absoluto e substância.”<sup>71</sup>.

Vendo esta evolução, percebemos que a Alegria é o 1º tempo e a Dor é o 2º tempo, que em si são opostos, e somente na Graça obtemos respostas que desbloqueiam esta articulação. Temos a dúvida de não perceber se as almas vão de um tempo para um não tempo, ou para outro tempo, ou se ainda esse tempo ainda é tempo, ou um Trans-Tempo o talvez a eternidade, e aí que a Graça responde e ilumina estas perspectivas de interpretação.<sup>72</sup> Olhando como tal, para estes três transcendentais tem em si uma dinâmica própria, que faz com que assumam também uma nuance temporal de intercomunicação:

“Mas as três tábuas que o compõem não são estáticas, sem Inter comunicação. Pelo contrário tem entre si uma relação dialéctica e, por isso, melhor diria uma tríade dinâmica. A Alegria – a comunhão com a Natureza, é a afirmação. A Dor – a solidão da alma frente ao universo material, é a negação. A Graça – a unidade reencontrada, ao nível da pessoa moral e religiosa, a comunhão em Deus, é a negação da negação ou a super - afirmação. Cada uma das tábuas desenvolve-se, também, em ritmo ternário, embora não seja nelas igualmente vincado.”<sup>73</sup>

Assim se entende a Graça que é liberdade como excesso, e talvez esse excesso<sup>74</sup> se entende agora no prefixo “Trans” que todas estas metáforas de Leonardo Coimbra, utiliza na conformidade da Graça<sup>75</sup>. Percebemos deste modo, as palavras do autor:

“Todavia é sempre um excesso; o excesso sobre a utilidade do instante, sobre o limite da forma, e o excesso sobre todo o Tempo, todo o espaço, todas as vidas. Em nenhum caso existiria,

---

<sup>70</sup> Cf. ADG, p. 190-199.

<sup>71</sup> ADG, p 197 – 198.

<sup>72</sup> Cf. PATRÍCIO, Manuel Ferreira – *Introdução ao estudo da ideia de tempo em Leonardo Coimbra*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992., p. 101.

<sup>73</sup> ALVES, Ângelo – *Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça*, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 199.

<sup>74</sup> Cf. ADG, p. 205.

<sup>75</sup> Cf. PATRÍCIO, Manuel Ferreira – *Introdução ao estudo da ideia de tempo em Leonardo Coimbra*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992., p. 101.

pois, a graça, se o Universo fosse um mecanismo, uma mera necessidade, uma absoluta actualização”.<sup>76</sup>

Desta forma temos a Graça num plano de superação de tudo estando pelo seu excesso para além de limites ou condicionantes é uma força “Trans-Tempo” para além de algo perceptível a nível humano.

## 2. O Criacionismo como método de Leonardo Coimbra

Há autores que defendem o Criacionismo como sistema filosófico inerente a evolução e maturação natural do pensamento de Leonardo Coimbra, levando que este no 1912 publica-se uma obra com o sugestivo título: “O Criacionismo (esboço de um sistema filosófico)”. Mas a presença deste método e sistema é transversal a mais obras do autor.<sup>77</sup>

E com maior relevo que verificamos elementos destas temáticas de pensamento presentes na obra “A Alegria a Dor e a Graça”, sendo por isso relevante primeiro analisar este método e de seguida ver os pontos mais relevantes que são tocados na obra. Como formulação onde a concepção mais teológica e da questão de Deus se torna efectivo na relevância do Criacionismo, também no contexto desta obra:

“As etapas da formulação da questão de Deus em Leonardo, vão desde o Criacionismo, em que uma filosofia que bem foi chamada de idealismo criacionista, em que bem foi chamado de idealismo criacionista coloca a questão de Deus como de certa forma garante duma monadologia, até ao aprofundamento do problema da experiência religiosa, em diversas etapas que culminam, efectivamente, na descoberta dum Deus de puro amor, que sendo também um ser em si, ou uma substância própria, não pode confundir-se nem com um substancialismo estático nem com um mero activismo dinâmico.”<sup>78</sup>

Nesta linha, este método e filosofia faz desta temática de pensamento algo de muito original e marcante, não só do seu pensamento, bem como, na época em que este surgiu.

---

<sup>76</sup> ADG, p. 212.

<sup>77</sup> Cf. ALVES, Ângelo – Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 194.

<sup>78</sup> PINHO, Arnaldo – Experiência e conhecimento de Deus em Leonardo Coimbra. *Humanística e Teologia*. Fasc. 1-2. TOMO XVI. (1995), p. 23-24.

## 2.1 – *Compreensão do Criacionismo como método*

Olhando para a forma semântica da palavra Criacionismo a tendência natural é olharmos para este novo método como oposição evolucionismo muito em voga na época. No entanto, esta ideia é errônea visto este método tem como fundamento transportar-nos para uma filosofia de liberdade admitindo uma liberdade criadora da evolução cósmica, em mudança e criadora com algo de cariz espiritual. Temos um racionalismo de interrogações ao Mundo em oposição ao empirismo.<sup>79</sup>

Assim na oposição paradoxal feita ao Positivismo temos o criacionismo como resposta na linha do que foi feita pelas correntes de renovação metafísica, sem que isto seja, menosprezo mas para Leonardo Coimbra há o essencial desta corrente filosófica para o aparecimento de uma maior valorização e compreensão da Metafísica, enquanto ponto de partida. Olhando assim para a natureza deste método da sua renovação metafísica pois não se pode retirar ao Positivismo no despertar a metafísica, pois esta forma de pensar faz com que se despertasse uma atitude crítica da metafísica.<sup>80</sup> O pensamento tem assim o seu relevo como resposta às dúvidas como acto primeiro e ideal, como refere Ângelo Alves:

“Quer dizer, a primeira verdade e a primeira certeza é esta: penso portanto existe o pensamento. O ponto de partida é a imanência”.<sup>81</sup>

Deste modo, não há uma imanência Absoluta, mas o pensamento em actividade como o conhecimento a procura o conhecimento que interprete o Universo, podendo dizer-se assim que os sistemas estáticos como o mecanismo são mais ou menos insuficientes, porque sufocam e prendem o pensamento, há como um restringir da liberdade criadora, perdendo-se a criatividade enquanto valor, podendo ver o Criacionismo de Leonardo Coimbra, de certa forma, no limite de uma filosofia de liberdade e também como um filosofia do amor.<sup>82</sup> Dessa forma, talvez encontremos o

---

<sup>79</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto: Lello Editores, 1999. Coleção Filosofia e Religião. p. 11-13.

<sup>80</sup> Cf. ALVES, Ângelo – *O método criacionista de Leonardo Coimbra: sua natureza e figuração*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, , p. 159-161.

<sup>81</sup> ALVES, Ângelo – *O método criacionista de Leonardo Coimbra: sua natureza e figuração*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 160.

<sup>82</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto: Lello Editores, 1999. Coleção Filosofia e Religião. p. 17-18.

mais essencial de termos uma visão da intuição da presença do irracional por uma visão amorosa pela graça na que há de mais extraordinário:

“É neste estado espiritual e intelectual último que o homem pode conceber o irracional como amor que precinge o Universo e os Seres”.<sup>83</sup>

Outra linha de pensamento presente neste método de Leonardo Coimbra é a dimensão de uma metafísica moral e religiosa. Pois há do Absoluto do criacionismo como um processo representativo do pensar em plena união de uma filosofia de liberdade, como um certo anúncio:

“a consumação na excedente vivência e idealização originária da subjectividade mais autêntica”.<sup>84</sup>

Nesta perspectiva da metafísica moral e religiosa se compreende com uma moral bem vincada enquanto actividade só pode chegar a Deus. Há uma monologia bem vincada em Leonardo Coimbra em si unificado. Uma mónada superior (perspectiva religiosa) e uma mónada religiosa (perspectiva moral de chegar ao ideal). Temos por um lado o criacionismo que metafísico em religião que de forma obvia nos leva a metafísica. Logo o criacionismo é uma perspectiva moral de um imanentismo sem base racional suficiente que nos afirma a Transcendência Absoluta. Convém focar a importância deste seu sistema não ceder ao lado consista de representar Deus, temos dentro de um dinamismo, Deus na sua máxima representação e realidade, não de teísta mas dentro do círculo ontológico pluralista que as mónadas nos apresentam.<sup>85</sup>

De certa forma o absoluto e puro criacionismo, ou seja, levado ao seu extremo do processo de representação cognitiva numa máxima e perfeita realização como consumação dos remanescentes das vivências, num campo obviamente subjectivo mas

---

<sup>83</sup> PIMENTEL, Manuel Cândido- *O «Irracional Criacionista»*. *Considerações de Epistemologia e de Ontologia*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 124.

<sup>84</sup> BORGES, Paulo – *A experiência da criação em Leonardo Coimbra: Pessoa e cosmicidade*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 257.

<sup>85</sup> Cf. ALVES, Ângelo – *O método criacionista de Leonardo Coimbra: sua natureza e figuração*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 137-142.

profundo neste campo de absoluta liberdade que conduz a uma certa metafísica moral e religiosa.<sup>86</sup>

No seguimento disto, podemos ver desta forma, o conhecimento que nos transporta de forma gradual para um conhecimento, que nos aproxima e aproxima do divino:

“Na base da pirâmide do conhecimento estão as noções inferiores que estão as noções inferiores que pertencem ao domínio inerte e são provados, talvez em demasia, por toda a experiência... Isto é patente, de modo particular, no caso da liberdade criadora, pois que excede totalmente qualquer conhecimento da base e tornando-se a flor ideal, no vértice da pirâmide, pela atracção irresistível do vértice divino”.<sup>87</sup>

O Criacionismo pode ser interpretado em três níveis do Mundo em analogia com três níveis do pensamento. Temos assim o pensamento assumido no dia-a-dia já testado e aprovado como pensamento vulgar; há também o pensamento científico referido na dialéctica onde se intui e apreende a perspectiva espiritual; por fim, a união do amor e criação coordenável inerente ao pensamento filosófico.<sup>88</sup>

Temos o pensamento filosófico como terceiro nível a que Ângelo Alves refere como “dois mundos” ou “dois momentos”:

“O positivo que abrange toda coordenável, onde é possível a experimentação e a vida artística e moral; e o metafísico, que vêem a ser «essa fonte ideal de vida, por vezes encontrada por filósofos e artistas, subjacente às suas obras, dando-lhe a fluidez da sua beleza e o seu laço interno de unidade e de verdade»”.<sup>89</sup>

Na relevância desta temática resulta uma serie de dialécticas. Temos o relevo do pensamento de Leonardo Coimbra, como respostas ao seu método dá, dentro do intuicionismo do criacionismo. Ao materialismo ele responde com espiritualismo, ao empirismo responde com o idealismo e ao positivismo apresenta a Metafísica, perante o dogmatismo e imobilismo apresenta a dialéctica e por fim, contra absolutismo da ideia

---

<sup>86</sup> Cf. BORGES, Paulo – *A experiência da criação em Leonardo Coimbra: Pessoa e cosmicidade*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 257.

<sup>87</sup> ALVES, Ângelo – *O método criacionista de Leonardo Coimbra: sua natureza e figuração*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 160.

<sup>88</sup> Cf. . ALVES, Ângelo – *O método criacionista de Leonardo Coimbra: sua natureza e figuração*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 160-161.

<sup>89</sup> ALVES, Ângelo – *O método criacionista de Leonardo Coimbra: sua natureza e figuração*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 161.

ou intuição (cousismo) ele apresenta-nos o criacionismo. Temos assim várias contraposições dialécticas, tendo assim um sistema bipolar, numa linha hipotético – construtivo deixando-nos uma racionalização em ascensão.<sup>90</sup>

Deste modo, teremos que fazer alguma justiça ao pensamento de Leonardo Coimbra, pois, apesar de o considerarmos de certo modo irracionalista, como certo refúgio para melhor atingir a metafísica, há porem uma linha científicista presente seu pensamento que faz com exceda o senso comum pelo realismo cousista do que é real e do que intelectualizado pelo pensar.<sup>91</sup> Há sem dúvida que partilhar do que diz Ângelo Alves acerca deste método inovador e de certa forma demonstrativo da relevância deste pensador:

“Aqui está expressa a originalidade do método criacionista e também a sua actualidade. Com efeito, se ninguém contesta a tendência evolucionista e interpretacionista da epistemologia hoderniana, nem a tendência metafísica irracionalista destes dias já ditos pós-modernos, pode dizer-se que Leonardo Coimbra os antecipou”.<sup>92</sup>

No entanto este que grande marca de Leonardo Coimbra foi por superada, muito devido ao seu percurso pessoal com a sua conversão pessoal ao Cristianismo.<sup>93</sup>

## **2.2 – Criacionismo na obra: “A Alegria, a Dor e a Graça”**

Sendo o método filosófico de Leonardo Coimbra o criacionismo há traços deste método na obra “A Alegria, a Dor e a Graça”, como forma de se ler em especial nesta obra, uma perspectiva mais teológico – religiosa que se intui como referem os autores que estudam Leonardo Coimbra, como alude Arnaldo Pinho:

“É precisamente no último capítulo do Criacionismo<sup>94</sup> que se pode continuar a Alegria a Dor e a Graça”.<sup>95</sup>

---

<sup>90</sup> Cf. ALVES, Ângelo – Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 195.

<sup>91</sup> Cf. ALVES, Ângelo – *O método criacionista de Leonardo Coimbra: sua natureza e figuração*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 166.

<sup>92</sup> ALVES, Ângelo – *O método criacionista de Leonardo Coimbra: sua natureza e figuração*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 168.

<sup>93</sup> Cf. ALVES, Ângelo – *Leonardo Coimbra filósofo da liberdade e do amor infinito*. Lisboa: Fundação Lusíada, 2003. p. 171.

<sup>94</sup> Obra de Leonardo Coimbra com este mesmo nome “Criacionismo” (1912) onde de certo modo apresenta a sua doutrina acerca do seu método filosófico.

Desta forma, se percebe que esta obra de Leonardo Coimbra se situa na continuação da apresentação deste método, não só de uma obra em especial, mas no conjunto doutrinal do autor que obra mostra.

Na linha do que foi referido podemos considerar que se nota na obra, “A Alegria, a Dor e a Graça” uma evolução de pensamento iniciado na obra, “Criacionismo”, no que se refere à forma e método, apesar de haver apenas quatro anos de diferença de publicação de uma para a outra, portanto a obra “A Alegria, a Dor e a Graça” realiza esta busca ao bem a partir de uma subjectividade inicial e interpelante, desde a natureza até as questões do mistério.<sup>96</sup>

Neste sentido, há também entre os autores que estudam o pensamento de Leonardo Coimbra uma convergência de que Kant nas concepções sobre a estética, visto que Leonardo na concepção deste novo método, e que a obra deste em análise mostra-nos um salto por parte do Criacionismo para uma metafísica e religião pela experiência estética:

“Em distintas formulações poéticas, neste belo texto, não é outra coisa senão o rosto duma transcendência”.<sup>97</sup>

Para Leonardo Coimbra a verdade era uma obsessão no descodificar do Mistério dentro do Universo e de Deus, tendo o Criacionismo com a intuição estética mais a vida moral e religiosa, a comunicação parapsicológico e a revelação cristã.<sup>98</sup> A forma de Deus comunicar e se dar a conhecer de forma sublime e harmoniosa. Daí ser relevante no seguimento desta análise aprofundar a interpelação de Ângelo Alves:

“Mas vejamos o lugar que ocupa a experiência no sistema Criacionista, que valor tem o intuicionismo no criacionismo... contra o materialismo, é espiritualista; contra o empirismo e naturalismo, é idealista; contra o positivismo, é metafísico; contra o dogmatismo e imobilismo, é dialéctico; contra o absolutismo da ideia ou da intuição – o cousismo, é criacionista”.<sup>99</sup>

---

<sup>95</sup> PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto: Lello Editores, 1999. Coleção Filosofia e Religião. p. 17.

<sup>96</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Pensamento teológico*, p. 12.

<sup>97</sup> PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 221.

<sup>98</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 221.

<sup>99</sup> ALVES, Ângelo – Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 195.

Partindo, do que disse Ângelo Alves, vemos assim a experiência no criacionismo dentro dos três grandes capítulos: como é que a experiência estética da relação entre homem e universo se demonstra ao longo da obra. Vejamos como no capítulo primeiro da Alegria isso é aludido:

“Em torno das crianças, mil seres desconhecidos vivem e actuam. E a frescura das sensações! Porque é que, por todas as terras, se estendem certos modos de brincar? Em toda parte foi, e é, para as crianças, um encantador divertimento, o das bolas de sabão. Não teria a sua reminiscência prestado bons serviços a Newton nos seus estudos da Luz? Como as cores e as imagens mudam, brincam, se perseguem e expulsão! E depois subir, subir, até às nuvens; sabe-se lá até onde! A ansiedade de subir! Qual a criança que não estremece de profundo júbilo à mais ligeira vitória sobre a gravidade? Qual a criança, que não viu mil rebanhos, que não teve visão védica de campinas e gados, passeando o azul nos flocos de nuvens? Ah, a doçura, a macia carícia duma nuvem branca, banhada de Sol! Quem, senão as crianças, tem sentidos para, sem utilitárias interpretações, sentir simplesmente o que é? Em que consiste a beleza? Na unidade duma diversidade, revelada, patente e fácil”.<sup>100</sup>

No seguimento desta temática temos no criacionismo a arte e a estética como presença que procura uma certa harmonia cósmica, de modo a apresentar-nos uma dupla dialéctica, por um lado a artística e por outro filosófico-religiosa. A arte relacionada com a estética e a filosófica-religiosa onde a filosofia que quer provar o criacionismo, onde a religiosa tem uma vertente moral da expectativa metafísica como inerente a consideração filosófica, de chegar ao conhecimento criacionista<sup>101</sup>. E poderemos de certo modo verificar isto, em mais uma bela passagem da obra no segundo capítulo da Dor:

“O Universo às escuras, e, em nós e fora, mas sempre muito longe, um ponto de luz hesitante, o abrir duma chama numa atmosfera sem oxigénio. Assim é a consciência no Espaço. De astro em astro leva o éter o estremecimento luminoso, só as consciências não encontram a Unidade, que as prende. O que há para além de nós? O limite da nossa alma é ali onde morre a última onda sonora; a flor espiritual fenece, onde o ar, que lhe tomara a forma numa envolvente carícia, são lábios cerrados sem a crispação interior da voluptua? O ar, onde as palavras de Jesus se inscreveram em lírios, fechou-se sobre elas e é igualmente dócil às blasfémias dos homens? É a consciência uma lâmpada sem azeite, não pode a luz comover o Universo. Nada importará aos astros do Infinito a meditação do homem? É a consciência um nada que existe?”<sup>102</sup>

Por fim, também no capítulo final e de forma especial por este ser o capítulo da Graça traços também marcados desta concepção filosófica de Leonardo Coimbra:

“E exactamente no esforço de mudar a face da terra, no desejo activo e eficaz de circundar de bondade e penetrar de amor todas as instituições e formas, que afirmamos o divino e realizamos a involução para o absoluto, para aquele Irracional, que, excedendo todas as razões e afectos, todas as palavras e fórmulas, é agora o Inanimado e o Inefável. Sobre a vida social existe a vida cósmica, que é a vida social e religiosa, a sociedade total e absoluta. E aquela unidade, que, na Alegria vitoriosa e na Graça risonha, sempre encontramos criando e sustentando os seres, que é a

---

<sup>100</sup> ADG, p. 27-28.

<sup>101</sup> Cf. ALVES, Ângelo – Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 198-199.

<sup>102</sup> ADG, p. 126-127.

comunicação da inércia, a quantidade, a forma, a vida e a consciência, é agora o Infinito de todas as qualidades, nas formas e para além das formas, na palavra e para além das almas, erguendo sobre todas as coisas a sedução do seu esplendor, nelas espalhando às ocultas a frescura insondável das suas águas. Regressando ao mundo físico, é, com olhos cheios de deslumbramento, que vemos, em toda a face do Ser, a plenitude duma Unidade, que, sem nada se diminuir, insinuando-se através das forma, da curva astral, do arco-íris, à evolução da vida e à meditação, é a divina Graça sorrindo”.<sup>103</sup>

Mais excertos da obra haveria para elucidar como a obra “A Alegria a Dor e a Graça” esclarecem como esta obra tem traços, do método filosófico de Leonardo Coimbra. Nelas estão presentes as linhas metes do seu método, como estética, muito mais do literário é quase uma visão de quadro, bem como princípios morais e axiológicos na dimensão criacionista, de não perder o Absoluto de vista, que de certo modo é chave de leitura de todo o seu método.

---

<sup>103</sup> ADG, p. 280-281.

### III – Leitura Teológica da obra: “A Alegria, a Dor e a Graça”

Numa abordagem mais direccionada vou agora procurar retirar a riqueza desta obra não só campo literário, mas também no campo teológico, riqueza que serve de base a esta dissertação, onde se pretende mostrar como um homem de intervenção pública e relevante da época dos inícios do século XX se interessa e intui estas questões.

Numa parte inicial deste capítulo vou apresentar a obra e a sua riqueza literária, “poética” e orientar de certa forma uma leitura da obra, como preparação para o seguimento deste capítulo. Assim, a obra é como um “*poema metafísico*”<sup>104</sup>, com uma beleza poética que torna leve e fácil a leitura, ficando porém à sensibilidade do leitor perceber as preocupações e interpelações metafísicas da obra, e o seu pendor espiritual que procura uma verdade sem que se perca a idiosincrasia mental do autor, e das suas influencias na obra.<sup>105</sup>

Assim numa segunda fase, irei abordar as temáticas teológicas presentes na obra, e a partir daí tirar algumas ilações da própria obra. É difícil falar da teologia na obra ou no pensamento de um autor, pois como refere Arnaldo Pinho:

“Várias teologias naturais têm sido abordadas modernamente. Queremos dizer com isto, que o conhecimento de Deus como todo o conhecimento, como escreve Kasper, carece de fundamento que esteja em consonância com a experiência”.<sup>106</sup>

“É essa perspectiva que queremos demonstrar assente nos mistério e na experiência captada pelos sentidos dos instantes que a própria da obra: “A Alegria, a Dor e a Graça” que nos transporta na leitura e compreensão da obra”.<sup>107</sup>

#### 1. Leitura orientada da obra: “A Alegria, a Dor e a Graça”

Esta é a quarta obra de Leonardo Coimbra que fez despertar a crítica nacional e internacional,<sup>108</sup> que vem numa linha metafísica – religiosa na sequência lógica do seu

---

<sup>104</sup> ALVES, Ângelo – Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 186.

<sup>105</sup> Cf. ALVES, Ângelo – Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985). 1985, p. 193.

<sup>106</sup> PINHO, Arnaldo – Experiência e conhecimento de Deus em Leonardo Coimbra. *Humanística e Teologia*. Fasc. 1-2. TOMO XVI. (1995), p. 11-12.

<sup>107</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – Experiência e conhecimento de Deus em Leonardo Coimbra. *Humanística e Teologia*. Fasc. 1-2. TOMO XVI. (1995), p. 11-12.

<sup>108</sup> Cf. ALVES, Ângelo – Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 181.

pensamento depois da obra “O Criacionismo”, como algo assente numa linha de pensamento mais estético intuicionista do que filosófico.<sup>109</sup>

No entanto, Leonardo na obra procura um horizonte de analítica transcendental, suprimindo a conhecimento em prol da experiência poética como forma ultrapassar os limites da Razão que em si são muito limitados no campo mais transcendental. É procura de uma harmonia entre o Homem e o Universo como forma atingir uma ordem estética dentro de uma experiência de forma harmoniosa.<sup>110</sup>

Começando por analisar a obra esta divide-se em três partes, facilmente perceptível essa mesma divisão pelo título da obra, a primeira a Alegria, a segunda Dor e a terceira a Graça, como Leonardo Coimbra refere:

“A Alegria canta, a Dor procura e a Graça é”.<sup>111</sup>

## 1.1- A Alegria

A Alegria é essencialmente apresentada como cósmica, como “designação”, por de trás da Alegria está o mistério agradável, da origem metafísica da Alegria na Transcendência. A Alegria adquire também para Leonardo algo como a contemplação presente no silêncio que compara com a Alegria. Pois esta se espalha na sempre renovada e eterna criação. O autor refere-se também à criação e os traços do seu método filosófico o criacionismo, dentro de uma abordagem também referente ao pecado original tendo uma abordagem em relação a isto deveras relevante:

“O universo vai para o Uno da Graça, vindo do Uno do Caos. É o Caos, multiplicidade dispersa, multiplicidade amorosa. E é-o contemporaneamente. Não há uma evolução rectilínea que do Caos leve à luz; há, agora e sempre, identidade de origem, pluralidade de seres e identificação final pela penetração amorosa. As primeiras horas são a Alegria inocente, anterior ao pecado original... A criança é anterior ao pecado das criaturas. Ela é a promessa infinita, o homem a exígua realização”.<sup>112</sup>

---

<sup>109</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto: Lello Editores, 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 17.

<sup>110</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto: Lello Editores, 1999. Coleção Filosofia e Religião, p.48.

<sup>111</sup> ADG, p. 210.

<sup>112</sup> ADG, p. 15.

Neste pensamento acerca da perspectiva da Alegria estão presentes, alguns traços de franciscanismo, quando fala da pobreza e simplicidade enquanto valores e dá o exemplo de Jesus como alguém que também foi pobre e simples.<sup>113</sup>

Em seguida, a Alegria é apresentada como algo que apela aos nossos sentidos, perceptível por sensações numa Alegria que dá sinais pelo som, pela luz, e movimentos inerentes à contemplação sensitiva das crianças que são os sujeitos activos da abordagem que Leonardo faz da natureza:

“É um espectáculo novo, é a Alegria do som da luz, do movimento, que encanta e prende? Anacreonte tinha o cuidado de viver a hora actual, a criança vive sempre o descuido de cada hora. Desinteressado Poeta, único impressionista real! Inspiração nativa, vital, directa, interior afluindo à superfície”.<sup>114</sup>

No seguimento disto, Leonardo faz a pergunta de que em que consiste a beleza, transporta-nos acerca das considerações mais estéticas, dentro de uma Alegria na consideração assente nas mais íntimas percepções e sensações temporais, do que está presente no que nos rodeia, descobrindo paulatinamente a Alegria na sua origem interpretativa.<sup>115</sup>

Temos assim o autor a centra-se em considerações acerca do conhecimento, como o enigma, sendo o conhecimento um penetrar no alheio, assimilando e identificando o que se passa e em seguida, numa gradualidade de processos se representando e compreendendo como se dirigisse o conhecimento, o autor usa a analogia da digestão para falar do processo do conhecimento e de conhecer.<sup>116</sup>

O conceito de Alegria é dado num conceito de dupla criação, a criação que é a vida e a outra que é a imaginação, iniciando o conhecimento. Um conhecimento que está presente na constante evolução do próprio Homem, passado pelos vários estados da evolução humana:

“É um rápido momento de instantânea vida sensual e começa logo a Alegria da dupla criação, que em nós se passa. A criação do nosso corpo, isto é, o simples trabalho da Natureza física e a actividade da nossa imaginação penetrando e interpretando a existência. Um primeiro estado de homem, quietação de adulto, segue-se ao primitivo deslumbramento. Entre a primeira infância e a puberdade houve um momento de estagnação, de uma passividade imitativa da vida em moldes exteriores e alheios. É assim que as almas de permanente visão própria e brumosa, aqui como no definitivo estado adulto, conservaram a primeira infância, unindo-a com a puberdade”.<sup>117</sup>

---

<sup>113</sup> ADG, p. 21.

<sup>114</sup> ADG, p. 23.

<sup>115</sup> ADG, p. 25.

<sup>116</sup> ADG, p. 37.

<sup>117</sup> ADG, p. 44.

O tema seguinte que Leonardo Coimbra aborda é a questão da unidade, como algo transversal a nível temporal e humano na busca de um equilíbrio próprio e com uma harmonização, como síntese de vida que o Homem encontra no Mundo, como algo necessário e indispensável que o próprio autor como o amor a própria Unidade:

“Compreendeis, de pronto, o drama original. Tudo adquiriu um inestimável valor. E, como se havia de calcular esse valor, se é a própria face da Alegria que nos sorri? Que fome de Unidade não é vosso amor?! E, que infinita Alegria, o encontro de fomes que de devoram! Eis o drama: o mundo é uma unidade que se realiza, o corpo é uma síntese de vida, a conjugação dos corpos, uma nova síntese de vida, a conjugação dos corpos uma nova síntese, que opulenta cria uma maior vida. Amais?”<sup>118</sup>

A perspectiva que foi abordada no seguimento disto, foi a do pecado, como este sendo fruto da ausência do amor e da Alegria, sendo algo condenável, como algo que atenta contra a verdadeira e plena Alegria. Como tal, se há pecado há mal, porque este vai contra o amor e contra o que bom e belo do equilíbrio.<sup>119</sup>

Leonardo Coimbra fala-nos também de um sexualidade que procura a harmonia nem sempre fácil, entre o carnal e o espiritual, pondo a ênfase crítica por um lado nos antigos puritanismos, bem como, no novo materialismo da carne.<sup>120</sup>

O autor, em seguida refere-se à geometria do Universo, como Glória da Alegria (música das esferas), uma Alegria que atravessa da base da arquitectura do Universo, em harmonia onde tudo se conjuga, no mais sublime em toda a arte toma, partindo desta alegria inicial de contemplação da Criação:

“Todas as artes lutam contra o transitório e buscam o eterno. A arte eterniza o instante sob o fluxo dos fenómenos e procura a ideia do Ser, que eles traduzem”.<sup>121</sup>

Na linha disto, é-nos apresentada a Alegria e família: como a alegria da paternidade na fecundidade no mais profundo do Homem, da sua alegria mais perene de uma união que ajuda e assim se conjuga a verdadeira Alegria como harmonia em cada homem que irradiam os reais e essenciais valores do Universo, sendo Deus memória, unidade, presença, harmonia e ordem e proposição da união da Alegria que se radica directamente na família:<sup>122</sup>

“A alma do homem comum perde-se na imensidade do mundo, e, para sentir Deus, precisa do recolhimento do Templo. O Templo é o lar e a família; e, para um templo reúna muitas famílias,

---

<sup>118</sup> ADG, p. 51.

<sup>119</sup> Cf. ADG, p. 55.

<sup>120</sup> Cf. ADG, p. 55-61.

<sup>121</sup> ADG, p. 83.

<sup>122</sup> Cf. ADG, p. 94-115.

necessário era fundi-las numa só, em presença dum chefe, que é ao mesmo tempo o Pai e o Filho”.<sup>123</sup>

No finalizar deste capítulo sobre a Alegria, ressalta a representação da Alegria no seu mais amplo alcance, enquanto a Alegria da criação, numa linha espiritual e material. Temos uma alegria material e espiritual, porque temos Deus presente antes da criação que edifica o Mundo e as criaturas deste tem em si o esforço de também o edificar, antes, agora e depois, num esforço das normais relações dos homens que também pelo seu bem contribuem nesta obra, estando sempre Deus em constante presença:

“A Alegria é infinita, e, da triunfal ascensão do sol levante ao meditativo sorriso do pensamento, espraia-se em contentes e onduladas vitórias. Sem princípio, nem fim, porque o Tempo e Espaço são obras suas, em cada ponto e em cada instante encontra uma nova direcção em que aprofunda, e, no ponto e no instante, freme o infinito do seu poder”.<sup>124</sup>

## 1.2- A Dor

Leonardo Coimbra apresenta a Dor como a consciência do nada, numa oposição dialéctica a Alegria que faz com que tenhamos a consciência da plenitude, de uma sombra de um lugar ermo e solitário, com uma voz que sussurra apesar da ausência de som, apesar de este ser muitas vezes interpelador.<sup>125</sup>

No seguimento disto, a Dor é também algo que é inevitável a existência, uma dor existencial lógica do passar do tempo que todo o Homem sente do decorrer da vida, como uma sequência natural. O autor fala desta Dor como uma fatalidade irremediavelmente vamos tomando consciência, mais não seja na angústia que todos sentimos na morte:

“É isto, no instante, a miniatura do Universo no Tempo! O nada eterno, o zero infinito. Tudo passa, morre e repete-se... A vida é assim, a consciência que vamos tomando da morte; viver é conhecer que imos morrendo”.<sup>126</sup>

---

<sup>123</sup> ADG, p. 100.

<sup>124</sup> ADG, p. 121.

<sup>125</sup> ADG, p. 125.

<sup>126</sup> ADG, p. 127.

Na linha do que foi referido anteriormente, temos presente a ideia da centralidade e da importância do Homem na Criação, num certo personalismo, de valorização do Homem como algo oscilante da sua presença no Mundo, em ausência em certo modo, como dialéctica, mas também presente. Temos a por um lado, a solidão e por outro a comunhão, da relação do Homem com a Criação numa certa pertença, ou numa certa restrição, sendo tantas vezes duro articular esta dialéctica, como refere pelo exemplo do dia (luz) e da noite:

“Correis num sentido e, se vos surgem dois caminhos, não sabeis por onde tomar. Interrogais as flores, tão de acordo com os sorrisos d’ela, as hastas dos juncos irmãos do seu corpo, as águas frescas e claras como as suas palavras; nada elas vos dizem... Compreendeis então a Natureza é um vocabulário morto, uma loquacidade emudecida, se fala uma alma servir-se da sua magnificência. É o exílio da solidão dentro duma Natureza, cujo falar estancou. Como a Noite apaga todas as formas, a sua ausência faz calar o verde paganismo da terra”.<sup>127</sup>

A questão seguinte levantada neste capítulo está relacionada com a consciência, e com a pergunta retórica que Leonardo Coimbra faz: “O que é a consciência?”.<sup>128</sup> Esta pergunta na linha das inquietações anteriores do Homem de se posicionar no Mundo, sendo pergunta como algo sempre presente nas preocupações do Homem, sendo tantas vezes como: “Clarão de duas sombras”<sup>129</sup>. A consciência antropológica que é um “clarão” que interpela e interroga o Homem fazendo este tomar consciência de si mesmo. Ou pode ter um clarão como algo que seja vazio, solitário a sensação do nada. Assim a vida em consciência é igual a um epifenómeno no explicável por um realismo ingénuo, como a vida no Universo que é explicável por um determinismo mecanicista. Ou seja, temos a vida e a consciência como algo decorrente da mente que vai construindo e juntando-se na pacatez da realidade a vida corrente que se vai encadeando fatalmente no que foi predefinido e está estabelecido.<sup>130</sup>

A questão do mal também é abordada por Leonardo Coimbra, sendo o mal enquanto realidade intrínseca à própria criação, sendo Deus criticado, por ser o Motor Imóvel que como arquitecto do Mundo não interfere neste:

“Deus será o motor imóvel, o principio dum movimento, que, por inercia, se continua longe d’ele e fora da sua acção. Como homem, pela consciência, é exilado no Universo, assim é Deus, para além dum mundo posto em movimento, o grande solitário inacessível”.<sup>131</sup>

---

<sup>127</sup> ADG, p. 129.

<sup>128</sup> ADG, p. 132.

<sup>129</sup> ADG, p. 132.

<sup>130</sup> Cf. ADG, p. 135.

<sup>131</sup> ADG, p. 138.

Para elucidar isto, Leonardo Coimbra reflecte e põe em paralelo o seu pensamento com o que defende Jonh Stuart Mill, crítico sobre as tradicionais doutrinas do autor inglês, só vendo acriticamente o que defende este autor verificamos, que Deus necessita da cooperação do homem para colaborar na redenção e resgate universal:

“Quando olhamos livres de sistematismos, vemos o Universo marcado de intenção, ordenado e harmónico; mas também o vemos cheio de indiferenças, injustiças e desordens... Esta concepção de Stuart Mill, dá ao homem a missão da cooperar com Deus na obra do seu universal aperfeiçoamento”.<sup>132</sup>

Há algumas ideias apresentadas por Leonardo Coimbra, que tem traços de algumas teorias e filosofias de cariz oriental. Vemos referências à teoria da transmigração ou reencarnação como algo valorizado e enriquecedor para cada ser humano, como purificação para que este se torne melhor. A ideia do Nirvana também está presente como algo de relevante e importante para o Homem:

“Não só haveria em cada consciência um prolongamento misterioso, mas a riqueza da memória não se teria perdido, permanecendo virtual e pronta, em certas condições, para uma segura actualização”.<sup>133</sup>

A questão da individuação é colocada no sentido lato da auto-suficiência de cada um numa auto-superação no meio que os envolve. Pois cada individuo na sua liberdade tem a sua própria vontade, que Leonardo enuncia na teoria da vontade universal em Schopenhauer, onde apesar do condicionalismo do espaço, tempo e causalidade na essência de cada ser que existe a vontade e liberdade enquanto princípio de individuação de cada sujeito:

“ É sempre assim que tem de acabar toda a doutrina das almas, que as coloca numa natureza realista e suficiente. O problema das almas é o problema da individuação. Como existem indivíduos? É claro que, numa Natureza realista e cheia, o indivíduo só pode existir como forma parcelar do todo”.<sup>134</sup>

Tal como defende os seguidores de Kant e Schopenhauer somente assim se entende a vontade enquanto una, se bem que no Espaço e Tempo estas porém se diversificam. Desta forma, a consciência individual é marca que cada um procura a sua elevação logo o Nirvana não responde a esta ânsia, porque a autonomia é condicionada,

---

<sup>132</sup> ADG, p. 140-141.

<sup>133</sup> ADG, p. 151-152.

<sup>134</sup> ADG, p. 158.

o Mundo (Cosmos) marcam indelevelmente cada sujeito, nesta perspectiva da Dor deste capítulo na capacidade de cada individuo se situar.<sup>135</sup>

Em seguida, Leonardo apresenta a dor em relação directa do Homem na sua consciência, como algo presente e interpelante que condiciona o Homem, pois faz com o próprio se sinta posto à prova, e Dor na consciência, faz o homem crescer humanamente e viva uma experiencia profunda de transformação:

“A dor é a relação do homem consciência, vontade amorosa, com a Vida inconsciente e súplice. A dor é filha da simpatia, e, se tanto presamos a memória e a consciência, é porque só elas universalizam a simpatia. A dor é a reacção da parcela contra a separação a que condena a indiferença do todo; é o esforço do aprofundamento do Cosmos em comunicação e expremibilidade. É, por isso, que a dor é uma experiencia viva e séria, mergulhada no seio do Universo”.<sup>136</sup>

A ideia mais relevante presente é o termo de comparação, que Leonardo Coimbra faz da Alegria e da Dor, sendo as duas distintas e com as suas vantagens e desvantagens, sendo ambos os estados importantes e fundamentais, com as qualidades e carências das duas realidades tão diferenciadas mas necessárias nas vivencias de todos e qualquer ser-humano, com atestam alguns excertos da obra que valorizam quer a Alegria, quer a Dor:

“A Alegria é vitoriosa e simples, a Dor é comovida e transcendente: é um amoroso recurso às profundidades do abismo, um inclinar de atenção para todas as forças ocultas, um paroxismo de metafísico amparo, um esforço do coração para o ritmo dos outros corações... Os homens e os povos só são grandes pela Dor. A Alegria banaliza e adormece, a Dor inquieta e dinamiza”.<sup>137</sup>

Por fim, neste capítulo da Dor, Leonardo Coimbra apresenta Cristo como o paradigma da dor universal, o redentor sendo o cristianismo a religião da Dor. Porém é representada de forma clara o essencial salvífico do homem, onde a Dor como algo relevante do Cristianismo e da própria salvação apresentada por Cristo para remição salvífica que todo homem livremente adere ou não, sem que a Dor se imiscua como necessário para o Cristianismo:

“Cristo sabe que Deus fica para além dos areais do Dor, que é preciso atravessar o Deserto para alcançar o nemoroso oásis de água viva e perene; o seu passo é seguro desde o princípio, ele leva, em si, a frescura da fonte original”.<sup>138</sup>

---

<sup>135</sup> Cf. ADG, p. 160-166.

<sup>136</sup> ADG, p. 190-191.

<sup>137</sup> ADG, p. 196-197.

<sup>138</sup> ADG, p. 200.

### 1.3- A Graça

Nos primeiros parágrafos deste terceiro capítulo, o autor apresenta a Graça como “sensação de liberdade”, como algo que conforta e liberta, mas que nas dificuldades é como conforto e protecção. A Graça não é apenas um conceito em si metafísico, visto que, é uma liberdade que está presente no meio do Mundo e nos seres viventes, é a mão de Deus que toca no Mundo e suas criaturas para as libertar das dificuldades e agruras quotidianas:

“A Graça é a sensação da liberdade, porque é, em cada forma, a presença do Infinito que criou e sustenta. Há criaturas cheias da Graça que pela libertação de uma força em excesso, no meio das mais apertadas crises, tornam a sua presença, em bálsamo, um conforto e uma certeza para as nossas almas”.<sup>139</sup>

A ideia seguinte sublinharia é a síntese que faz Leonardo Coimbra, considerando-a como síntese da Alegria e da Dor. De certa forma, parece estarmos perante o idealismo hegeliano, temos como Tese a Alegria, a Antítese a Dor e a Graça como síntese de ambas:

“A Alegria canta, a Dor procura e atende e a Graça é.”<sup>140</sup>

Pois, a Alegria apreço-nos como algo que é fascinante, nos alenta e faz sintamos completos de certa forma em euforia. A Dor é como nos acalmasse e redefinissem as nossas atitudes e comportamentos e obvia oposição à Alegria. A Graça é como houvesse sentido e lógica e equilíbrio numa serenidade que interpelava e perguntava o sentido das coisas. Numa linha cristã, a Graça é fundamental numa linha teológica, pois se a Alegria nos faz sentir bem e como membros desta grande família, a Dor surgem as dúvidas e angústias das nossas interrogações antropológicas em que a Graça justifica no essencial a sua relevância e importância no amor de Deus pelo Homem.

Em seguida, a Graça é considerada por Leonardo Coimbra como um excesso, como algo que completa, que abarca, que actualiza e redime na existência. A Graça não se consegue desvincular o Universo pois a sua força é actuante e presente como uma força que torna o Absoluto unido à realidade, tendo o Universo necessidade desta força e poder que vivifica e inspira o Universo:

“Todavia é sempre um excesso (a Graça); o excesso sobre a utilidade do instante, sobre o limite da forma, e o excesso sobre todo o Tempo, todo o Espaço, todas as formas e todas as vidas.

---

<sup>139</sup> ADG, p. 208.

<sup>140</sup> ADG, p. 210.

Em nenhum caso existiria, pois, a graça, se o Universo fosse um mecanismo, uma mera necessidade, uma absoluta actualização. A Graça é o sorriso da liberdade”.<sup>141</sup>

No seguimento do que foi dito, Leonardo refere acerca desta mesma presença no próprio Homem como algo actuante e decisivo nos seus caminhos, ou seja, a Graça actua como oferta na vida de cada estando presente na disponibilidade individual de cada uma para livremente refutar ou aceitar. Como relata a obra:

“Se o mundo é de aparência dolorosa, ele (o novo mundo) é obra do homem. Subamos, transcendamos, e é possível que connosco, ele suba em beleza e harmonia. A fatalidade é, aqui como sempre, a perda do sentido total, do valor cósmico. É o mundo, que construímos, a esmagar a implícita liberdade, que construíu. A Experiência é a socialização do nosso ser ou a liberdade com os outros seres”.<sup>142</sup>

As considerações seguintes que Leonardo apresenta na obra são acerca de Deus, apresenta-O como invisível no Mundo, mas que pela sua acção se torna visível na sua presença. Apesar da sua ausência aos nossos olhos a sua Graça faz d’Ele actuante no Mundo como inspirador e vivificador, que faz numa sensação de liberdade Deus e mantém-se presente pelo pensamento e sentimento que se tem do seu movimento e actividade no Mundo, como demonstra este excerto da obra:

“Mais que o pensamento em acção, ou sentimento, é a própria sensação que nos revela Deus. Deus não se vê, é o invisível e o presente; mas a sensação de liberdade, ou a Graça, a repetição interior do movimento, que no seio do Universo sobre o íntimo dos seres, é a sensação de Deus. A graça é sentimento, sensação e pensamento. Se o pensamento e o sentimento nos mostram Deus no exercício do nosso livre activismo, a sensação da grande Unidade passa em nós, quando, diante do mar alteroso, apropriando o seu ritmo, repetimos o movimento, que, reunindo o espaço, é a posse da extensão infinita pela unidade, que a realiza”.<sup>143</sup>

O autor também fala da salvação, e da importância da Graça enquanto Espírito, e da sua relevância para a salvação, como algo necessário da mão de Deus que se torna presente na remissão humana. E no seguimento disto, faz uma crítica ao judaísmo por estes serem inerentes do depósito que lhes foi confiado e de estes não sentirem a força do Espírito, não se terem apercebido da força do Espírito de Deus que lhes foi oferecido e estes não foram capazes de aceitarem e aperceberem a Graça tão grande de tanto amor e dádiva de Deus. Em oposição a isto S. Paulo é a mais declarada manifestação do Espírito de Deus e da sua Graça no Mundo e num Homem, de transmitir de forma tão efusiva a Graça de Deus no Mundo:

---

<sup>141</sup> ADG, p. 212.

<sup>142</sup> ADG, p. 241

<sup>143</sup> ADG, p. 285.

“Uma das mais pujantes manifestações do Espírito é a energia com que a Graça se apresenta na alma de Paulo num veemente todo, fusão da sensação, sentimento e ideia, lançando a alma como em ponto, onde fremente o infinito dum poder capaz de deslocar o Universo. O edifício da Lei judaica, com todo o seu peso e inercia, com todo o depósito de divino que lhe deixaram os seculos, é, para a Graça, como a frágil pétala do lírio para o vento dum ciclone. O que importa, o que salva é o Espírito; a salvação está somente na Graça de Deus”.<sup>144</sup>

Neste capítulo também está presente o fascínio que Leonardo Coimbra tem pela figura de Jesus Cristo. Na sua reflexão Jesus Cristo é como a fonte de todo o conhecimento que não anula nem o Homem, nem o Mundo, nem suprime o Mundo pela aparição do homem. Cristo é a plenitude do amor e da Graça de Deus no Mundo, dado a conhecer pelo esplendor de ser infinito. Sendo a missão de Cristo que repete a Graça no excesso que repete infinitamente no ritmo do Mundo dando sentido a este, como força e impulso actualizados na Graça.

“O infinito de alma e o infinito do Mundo não se opõem. São a liberdade na comunicação, isto é, o esforço activo, o mérito, o drama existencial. Dons infinitos são apenas o amor de Deus”.<sup>145</sup>

“Assim é Cristo; Ele é a plenitude de graça, Ele é, para além de si, numa perfeita unidade total, num infinito estremecimento de amor. Cristo é a mais completa expressão de comunicabilidade, por ela é o mais perfeito conhecimento. Cristo é a divina graça, encontrando no seu excesso o poder de em cada forma repetir no Infinito; Deus é a graça, e existir e conhecer é comunicar da graça”.<sup>146</sup>

O tema da humildade também está referido neste capítulo como algo também participante desta comunicação que Graça transmite. Refere também que é na humildade que deve radicar todo o cristianismo, no respeito metafísico de compreensão e obediência ao ciclo natural da vida, de estar atento as necessidades do próximo, de escutar é ser cristão de acção na atenção e amor ao próximo, pois é nestes valores assistenciais que a Graça também revela a sua força:

“Ser humilde é ter a luz dos olhos para as cegueiras que nos cercam, lume para os que a ventania esfarrapou, pão para as bocas da fome; é ter a porta aberta aos vagabundos do mistério. Ser humilde é também comer o pão que a mão amiga nos estende, por o nosso carinho no calor dos outros lares; é levar pelo infinito, a nossa consciência, a tornar humana luz, a fria luz do Espaço. Ser humilde é escutar atento as palavras que as outras almas dizem; de ouvido em terra, saber ouvir o correr das águas; em suspenso, sentir em nós o tumultuar da vida, alongar-se a alma, crescer, subir, palpar, sob as palavras que os lábios ergue, o infinito frémito do que não foi dito. Ser humilde é viver a vida diante de Deus, em plena e total comunicação com o que existe; é por a comoção dos grandes acontecimentos no episódio mais insignificante; é apagar a banalidade da face do Ser e dar a cada instante, que passa, a presença do infinito que o anima”.<sup>147</sup>

---

<sup>144</sup> ADG, p. 293.

<sup>145</sup> ADG, p. 301.

<sup>146</sup> ADG, p. 303.

<sup>147</sup> ADG, p. 308.

As últimas considerações deste capítulo falam da Graça como a presença, o olhar e o amor de Deus, no Mundo e no Homem numa harmonização perfeita, que a Graça se faz como comunicação de Deus. Apesar dos momentos de solidão e silêncio que todos vamos tendo, pela ausência e vazio que Deus causa, fica segundo Leonardo Coimbra salvaguardada neste força que a Graça se torna de perenidade e constância, mesmo no invisível e inefável das agruras humanas está sempre presente esta solidariedade divina. Fica a certeza no que refere o autor de uma constância que Deus que não abandona o Mundo e Homem, e é com esta convicção e certeza que o autor quer terminar este capítulo acerca da Graça, que Deus pela Graça se faz presente na vida humana, pela força que d'Ele advém:

“O estado de graça é o sentimento da presença universal. Estar em graça é olhar o Universo daquele invisível centro de amor, que é o seio de Deus. Estar em graça é parar suspenso no meio do ruído a ouvir vozes das bandas do silêncio. Estar em graça é ir devagar na solidão a conversar com o invisível, a encher de humanas palavras amorosas todo espaço sem voz”.<sup>148</sup>

## ***2. Pensamento Teológico na obra: “A Alegria, a Dor e a Graça”.***

O pensamento teológico é o ponto central deste meu trabalho. Só poderemos chegar aqui, se analisarmos a evolução do pensamento, tal como as suas influências e a sua evolução. Assim a obra que analiso de Leonardo, busca uma certa harmonia cósmica e estética de contemplação, com uma índole criacionista de confrontação e satisfação perante o Mistério, como sínteses, não entanques em si.<sup>149</sup>

Assim a primeira categoria a ser explorada é o Mistério, não muito elaborado num campo teológico, mas com traços mais próximos da teologia natural, de certa forma carecido de experiência, apesar de haver um conhecimento não há vivência, mas em Leonardo a pouca experiência conhecimento radica-se no Mistério pela sua finitude.<sup>150</sup>

Convém salvaguardar que a constante ânsia de Leonardo pela verdade o angustiava e era lago que ele procurava, e perante as dúvidas de compreender Deus e o

---

<sup>148</sup> ADG, p. 323.

<sup>149</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 45-46.

<sup>150</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 12.

que o envolvia fez Leonardo de forma coerente e consciente esgotar as vias da Razão sem que tenha conseguido Racionalmente intuir Deus. Fez um caminho de experiências e buscas, como intuição estética, vida moral e religiosa, até comunicação parapsicológica, concluindo este caminho com Revelação Cristão. Sem que porventura tenha ultrapassado positivamente esta dimensão do Mistério.<sup>151</sup>

Leonardo muito mais que demonstração científica que procurava sentiu a necessidade de experimentar e daí obter resultados, e parte-se do exemplo de Kant quando Leonardo Coimbra afirma que este procurou a via da experiência porque a via da demonstração era impossível. De certa forma, a experiência em Leonardo e conversa do eu com universo e daí extrair uma consciência social que inicia a realidade que somente é atingida pela consciência cósmica.<sup>152</sup>

Sendo esta concepção uma harmonia que se comunica no todo que nos deixa paralisados e perplexos com tal equilíbrio e beleza, perceptível pelos sentidos. No entanto, há determinações opostas entre a Alegria e a Dor. Nesta oposição a Alegria demonstra-nos a harmonia e a justa medida, por outro lado a Dor acentua sentimentos como a solidão, a ausência e fragilidade:<sup>153</sup>

“A primeira fisionomia do Mistério é, já vimos, uma convivência imediata com o todo, desprevenida e todavia tímida, uma confusa distinção dos outros com uma vaga comunicação com todos, uma integral referência do mundo ao prazer, partindo-o em bom e mau, isto é, em Luz e Trevas, em Cor e Escuridão, em Som e Silêncio, Sol e Noite, em palavras da família e vozes de estranhos”.<sup>154</sup>

Para Leonardo o conhecimento de Deus como Mistério faz com este sentimento e realidade se situe num campo de conhecimento que é anterior à razão estética e ética pois há uma abertura na linha tomista. Quando S. Tomás de Aquino defende que Deus é um Ser está para além de todas as categorias de entes que precedem esse conhecimento. Sendo este comunicados pela Alegria, a Dor e a Graça na articulação entre emoção estética e a intuição metafísica.<sup>155</sup>

---

<sup>151</sup> Cf. ALVES, Ângelo – Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 195.

<sup>152</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – Experiência e conhecimento de Deus em Leonardo Coimbra. *Humanística e Teologia*. Fasc. 1-2. TOMO XVI. (1995), p. 16.

<sup>153</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 46.

<sup>154</sup> PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 46.

<sup>155</sup> PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 71.

A concepção de índole teológica aflorada por Leonardo Coimbra é a Esperança, como uma busca que o autor faz. Pois a esperança acaba por ser um caminho aberto na busca da transcendência, referindo-se directamente as intuições que Pascal<sup>156</sup> também sentiu. A necessidade de encontrar a luz, a resposta para os dilemas que o invisível não responde. A busca incessante na Dor, que pessimismo nos provoca, de queremos algo racional e palpável que não é verificável, causando até alguma desilusão, e aí se situa o mistério e a força da Esperança. E a Dor adquire o seu protagonismo pela agonia sentida, na dúvida e incerteza de quem procura, que somente a Graça estabiliza esta inquietação. Sendo esta a síntese das outras duas realidades a Alegria e a Dor. Acerca destas inquietações Leonardo Coimbra refere:<sup>157</sup>

“A dúvida e a obstinação, apesar de tudo, são o mais seguro caminho da esperança. O Universo é cerrado no seu amor, as estrelas do espaço só brilham de luz inconsciente? É o mesmo, quero amor para o melhor da minha consciência, para o que é o próprio desejo de universal compreensão”.<sup>158</sup>

Fazendo um ponto da situação da minha exposição. De certa forma a Alegria é o Mistério por aquilo que nos transporta, a Dor é a esperança e como chave de leitura e harmonização desta oposição temos a Graça:

“A Graça, que corresponde nesta dialéctica triádica ao terceiro momento – o da reconciliação da Alegria e da Dor- é expressa pelo filósofo a partir de uma multiplicidade de expressões que visam estabelecer o que ela é enquanto fundamento infundamentado. Metafisicamente, ele «é a presença de um excesso livre e desinteressado», que se manifesta gradativamente na existência. Nesse sentido, o filósofo apresenta-a de uma forma matizada. A Graça é uma sensação, que se articula com a liberdade”.<sup>159</sup>

No que se refere a Dor há um conceito a destacar e a ressaltar que a Dor nos aproxima do conceito de Redenção, onde Leonardo coloca a reflexão a questão do mal e do sofrimento. O mal estruturalmente tem a sua origem no Homem e na sua história havendo nessa mesma história o contexto de redenção que é como chave de leitura da necessidade desta para o Homem e sua salvação, de este lutar e procurar cada vez mais

---

<sup>156</sup> Cf. ADG, P. 188-189.

<sup>157</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 47.

<sup>158</sup> ADG, p. 187.

<sup>159</sup> GANHO, Maria de Lourdes Sirgado – *O Sentimento de presença na “A Alegria, a Dor e a Graça”*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p.298.

algo mais para a sua vida, onde entra novamente a componente da Esperança que já referi, convém ler atentamente Leonardo Coimbra:<sup>160</sup>

“A cada momento nos é preciso o esforço de bem para que o bem nos envolva da sua presença. Cristo sabe que Deus fica para além do areais da Dor, que é preciso atravessar o Deserto para alcançar o nemoroso oásis de água viva e perene; o seu passo é seguro desde o princípio, ele leva, em si, a frescura da fonte original. Atravessa a Noite, como o cometa flamejante, ardendo em luz própria e originária”.<sup>161</sup>

Há também uma forte componente cristológica ou crística presente na obra, em contraponto ao que Leonardo refere “*hominização*” de que o Homem na busca incessante de Deus se quer tornar como Ele, sendo o Infinito o esforço de ascensão e aprofundamento sendo o sujeito centro da sua própria realidade que vai construindo.<sup>162</sup>

E a Graça assim assimila este contraponto do Homem paganizado com Deus numa comunhão onde pela qual Deus não se torna ausente desta realidade.<sup>163</sup>

“É o próprio crescimento da alma, indo buscar ao Ser, que é Infinito da quantidade, a realidade do seu incessante trabalho de espiritualização, revelando, assim, na própria continuidade do seu esforço, que o Infinito da quantidade é também o Infinito do amor. O sentimento, que pela obscuridade misteriosa, tantas vezes tem sido chamada a demonstrar Deus, tem valor de realidade bastante para o fazer”.<sup>164</sup>

Desta forma, Cristo na sua concepção de presença, comunicação e forma de uma realidade como Infinito, e estamos assim perante um limiar que cosmológico, antropológico e crístico. Torna-se assim presente como algo infinito da alma, do Mundo e do amor de Deus.<sup>165</sup> Para Leonardo Coimbra Cristo é esta comunicação inquebrável que é cheia de espontaneidade e amor como algo harmonioso e presente de unidade transcendental que a Graça comunica deste Deus que se torna presente na realidade pessoal e individual de cada um onde o amor de é a presença infinita.<sup>166</sup>

“Uma vida houve, porém, que resumiu, em si, toda a beleza do Universo, todo o significado transcendente da quantidade, do movimento e do Ser, todo o heroísmo e astral pensamento da alma, toda a comunicabilidade espontânea todo o amor atento. Foi Cristo. A Graça andou pelo mundo, e, por caminhos de açucenas, lírios e boninas, levou os homens para a vida substancial e eterna... A harmonia, a proporção, vivo e flexível das intenções e dos actos; a Graça, que ondula, de incessantes nascentes, a vegetal frescura da palavra; a continuidade duma vida

<sup>160</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 237.

<sup>161</sup> ADG, p. 200.

<sup>162</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 47.

<sup>163</sup> Cf. ADG, p. 286-290.

<sup>164</sup> ADG, p. 283-284.

<sup>165</sup> Cf. ADG, p. 301.

<sup>166</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p.48.

abraçando todas as pequenas vidas; a perfeita humildade, compreendendo o nada das ambições e vaidades terrenas, essa ordem transcendente e livre só pode provir duma Unidade plena, duma alma colocada no foco da Realidade, ali, onde os raios do Amor, unam todos os seres. Essa unidade é a consciência de Cristo”.<sup>167</sup>

Como referem alguns autores a obra “A Alegria, a Dor e a Graça” é um ponto de convergência com uma certa estética antiga com o ponto central da obra que é Cristo, pondo em convergência com um certo paganismo, no de mais nobre, positivo e relevante que se pode considerar. Ou seja, a fé que se tem em Deus criador não se adquire na base de ser explicável, de se compreender Jesus Cristo na suas relações humanas, e de o Homem perceber na sua experiência o Deus que se revela na natureza e na História, como meios experiências e vivenciais de um Deus que se revela.<sup>168</sup> E não se deve prescindir de dar a conhecimento esta dupla dimensão:

“Contrariamente a uma tendência que se tornou, exclusivista, mesmo na teologia católica, de ver Deus apenas na História, Leonardo como Teilhard, vê também Deus na natureza. sem ainda podermos falar, no seu pensamento, propriamente, duma sintonia clara com o pensamento da Revelação”.<sup>169</sup>

“O Deus, que na sua graça mostrava, era um bom deus pagão, pelas margens dos regatos procurando, nos salgueiros, as ninfas que os habitam. Graça panteísta e simples era a sua graça búdica e cristianíssima, o maior valor do Universo, era a do santo mendigo. É gracioso o jogo de luz que é o brincar dos peixes ao lume da água, mas também (e a que distancia!) é graciosa o falar de Cristo”.<sup>170</sup>

Há uma clara evolução de uma certa emoção estética para uma intuição metafísica, na tríade que a Alegria, a Dor e Graça transportam de uma passagem constante e permanente da sensação à intuição, do imanente ao transcendente. Ou seja, há uma certa comunicação que se faz e se renova do sujeito com o objecto e posteriormente com o Ser num plano de mistério transcendente:<sup>171</sup>

“A única diferença entre a transcendência e a imanência reside em que o transcendente está nas formas e para além das formas, e o imanente é simplesmente nas formas. Mas, se o imanente está nas formas em nenhuma ele se esgota; em cada forma há na razão que ela representa no total Irracional que cria e conserva essa razão. O imanente, que nos seres vivos é a vida, não é o

---

<sup>167</sup> ADG, p. 294-296.

<sup>168</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p.49.

<sup>169</sup> PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p.49.

<sup>170</sup> ADG, p. 283

<sup>171</sup> PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 69.

resultado das formas ou dos órgãos, mas a força criadora desses mesmos órgãos, neles presente e capaz de reconstruções”.<sup>172</sup>

Diante desta perspectiva da metafísica, há quem considere esta obra mais de cariz ontológico, ou pré-metafísica e pré-religiosa, do que metafísica no seu modo mais tradicional de expressão e exposição de conteúdo. Assim como menciona Ângelo Alves a obra é pré-metafísica porque fundamenta o discurso racional em conceitos mais primários do Ser e da mente fundando assim um discurso mais de índole ontológica, porque de certo modo a experiência religiosa supõe sempre uma realidade experiencial de carácter metafísica.<sup>173</sup>

“Então sem dúvida, é obra metafísica, mas de metafísica fundamental. Situando-se no trânsito da fenomenologia, para a analítica existencial, aí perpassa a vivência dos «núcleos de realidade», ou «nódulos de essência espiritual», hoje diríamos existenciais, como a alegria, a admiração, o amor, a inquietação radical, a busca do sentido perante a tragédia da vida, do destino do Universo, da fatalidade, do mal e da morte”.<sup>174</sup>

Esta obra contém em si, um pormenor bastante interessante que é a evolução que o autor vai tendo ao longo da obra. Numa abertura ascendente ao transcendente que vai intuindo com a Imanência. Apesar da dúvida gerada há a ascensão ao Absoluto, há uma referência aos núcleos de uma realidade que apesar da dúvida se busca, como refere Arnaldo Pinho sob a influência do pensamento de Pascal:

“Sem dúvida, mas convém ainda dar relevância ao carácter de desafio que a vida e a liberdade representam, no argumento pascaliano, que é central neste desenvolvimento: é necessário apostar. Ou retomando as palavras do autor, as almas verídicas nutrem-se do Absoluto. E à sua maneira, o que Leonardo Coimbra perscruta nesta ascensão para o Absoluto é um outro tipo de experiência, para lá da experiência e do conhecimento científico”.<sup>175</sup>

A Graça e forma como este transcendental é encarado em Leonardo Coimbra e nesta obra, como parte de comunicação de liberdade e como subjectividade humana ultrapassada pelo Infinito. Analisando a liberdade esta é a comunicação do Absoluto como ligação cósmica de um Deus que não é inacessível e indemonstrável, pois a Graça é esta presença e excesso universal presente desde a Criação, e que de forma racional

---

<sup>172</sup> ADG, p. 261.

<sup>173</sup> Cf. ALVES, Ângelo – Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 207-208.

<sup>174</sup> ALVES, Ângelo – Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 207.

<sup>175</sup> PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 50.

nos vai desvelando o nosso reconhecimento da sociedade universal da realidade quantitativa do Ser e do próprio excesso que de infinitude em infinitude nos aproximamos de Deus até máxima expressão da “sensação de Deus”.<sup>176</sup>

“Não recebe um Universo impenetrável, miraculoso fenómeno duma passividade estéril. Explora e patenteia a sua liberdade no esforço solidário, no respeito e compreensão crescente das ligações cósmicas. Não é pois verdade que o Ser, a plena Unidade, que é a consciência cósmica, Deus, seja inacessível e indemonstrável. Nenhuma demonstração particular pode existir, porque, tratando-se duma demonstração de existência, só a partir duma lei podia ser feita. Ora a unidade não pode concluir-se de nenhuma lei particular, porque não segue, mas antecede todas as leis. É um postulado implícito na própria existência das leis, e, como vimos, no significado e legitimação de todas elas. Não se deduz deste ou daquele pensamento; é o próprio pensamento criando e conservando os mundos, erguendo-se no homem e caminhando na direcção da unidade, quando o homem procura o seu destino no todo”.<sup>177</sup>

Quando ao conceito de subjectividade este relaciona-se com o horizonte ético e estético que Deus nos coloca num caminho rumo ao horizonte de plenitude, numa perspectiva em que se situa numa experiência do ser do mundo como a glória de Deus que se revela. Mas, se o racionalismo perde importância e valor, que nos leva a sublimidade na elevação moral para a glória de Deus no que há de mais sublime na positividade da transcendência, em que procuramos atingir o uno imediatamente com a consciência da minha existência, que os sentidos e as percepções que nos são inatas mais facilmente atingem e irrompem.<sup>178</sup>

“Querer corrigir o Universo é supor que a nossos, onde correm a banhar-se as insensibilidades marginais. Eles são os balsâmicos caminhos do espírito; é, através deles, que o bom sol esplendoroso pousa em nossas almas. Como todos os caminhos, são misteriosos. Quem sabe dizer, ao certo, os limites dos sentidos? É tão pequeno o seu alcance, e, no entanto, que havemos de pensar das incontestáveis relações de telepatia? Não terão esses sentidos perdido o alcance, precisamente pelo maravilhoso poder de utilização que o homem sabe fazer do seu pouco?”<sup>179</sup>

A Graça assume nesta obra de Leonardo Coimbra, também um carácter sobrenatural de comunicação e forma, como aparição de modo de comoção, do espanto, do movimento e do Espírito de Cristo. Sendo esta obra de transição onde há uma razão estética mais desenvolvida, convém destingir e apresentar três formas de comunicação sobrenatural, a Graça como comunicação: Cosmológica, Antropológica e ao nível

---

<sup>176</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 118.

<sup>177</sup> ADG, p. 283.

<sup>178</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 119.

<sup>179</sup> ADG, p. 283.

Crístico.<sup>180</sup> Apesar de Leonardo se centrar de forma mais incisiva na Criação, como referencia Arnaldo Pinho:

“A perspectiva de Leonardo é aqui fortemente centrada na Criação segundo esta concepção: ao movimento pela qual Deus se impõe e se afirma como transcendência, ainda ligado um outro movimento, de expansão amorosa, pela qual este Deus se expande na Criação”.<sup>181</sup>

Quanto a perspectiva, de a graça como comunicação cosmológica de uma integração e apreensão do universal no particular. Mesmo dentro da concepção como o Criacionismo, que na fase desta obra ainda não a terá superado totalmente. Faz do monismo que vai da Criação à Graça que tudo totaliza e absolutiza enquanto forma que é singular abrindo-nos à distinção entre imanência e transcendência e aqui encontrar algo que equilibre esta forma de comunicação, estando o Transcendente nas formas e para lá dessas mesmas formas. Ou seja, verificamos a evolução de pensamento de Leonardo, do transcendente ao imanente, dentro do conceito do Criacionismo, nesta lógica há passagem de uma religião cristã em religião universal.<sup>182</sup> Acerca disto, Leonardo Coimbra na obra afirma:

“Desde a prática da metafísica até à prática social de todos os dias, são os produtos da actividade os seus maiores inimigos. Porque deixou estagnar o Tempo e o Espaço longe da ideia que lhes dá o ser, foi o pensamento humano aprisionado no ponto e no instante. O materialismo do Tempo e o Espaço longe da ideia que lhes dá o ser, foi o pensamento humano aprisionado no ponto e no instante. O materialismo do Tempo e do Espaço, de qualquer absolutismo que ele resulte, aniquila a liberdade, retirando o anterior de todas as existências”.<sup>183</sup>

“Há como uma descida ao imediato, que iludiu tantos medíocres pensadores, fazendo-os supor que isto era a substituição do transcendente pelo imanente. A única diferença entre transcendência e a imanência reside em que o transcendente está nas formas e para além das formas, e o imanente é simplesmente nas formas”.<sup>184</sup>

No que confere à comunicação antropológica esta situa-se no Homem como comunicação, sendo Deus o ser de comunicação do Homem. Neste patamar, Leonardo encontra-se com Kant, no seu formalismo tentado de certa maneira superá-lo, pois Razão em si não atinge todo o seu potencial e integralidade, sendo muitas vezes esta comunicação toda ela de cariz Irracional. O Homem apesar das suas potencialidades não consegue em si, e no seu conhecimento humano que se quer objectivo, abarcar a

---

<sup>180</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 167-170.

<sup>181</sup> PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 168.

<sup>182</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 168-169.

<sup>183</sup> ADG, p. 218.

<sup>184</sup> ADG, p. 260-261.

realidade sendo necessário arremedar a realidade. Sendo a capacidade pessoal e individual de cada Ser centralizar o real, em si não é isolado, não se fechando integralmente ao Infinito, mas abrindo-se ao exterior e ao Mundo. Por isso o Homem, nesta tensão eu e da sociedade e como se situar na sua relação (comunicação) com o transcendente, que leva o Homem a querer num dinamismo ascendente, de busca que procurar o Infinito como um Infinito de Amor como ascensão que busca uma unidade na diversidade e pluralidade.<sup>185</sup> Nesta perspectiva afirma Leonardo Coimbra:

“No entanto nada mais evidente que a unidade do Irracional, que se afirma nos espíritos. Tão real é essa unidade que Kant consegue um arremedo de realidade, suspendendo-a da objectividade do conhecimento humano. Ora esse conhecimento ajusta-se à Experiência, à acção no mundo físico, cresce a harmonia com o Ser; a sua objectividade sai, pois, do humano para o cósmico. O Irracional, que o cria, será portanto, o mesmo Ser, que se exprime no movimento, na quantidade, na ascensão graciosa da vida. Neste máximo de realidade, como no mínimo mecânico, a imediata afirmação é a sociabilidade, da relação viva e concreta. O eu não existe isolado; a actividade espiritual é sempre um esforço por entre estorvos, uma unidade através da pluralidade”.<sup>186</sup>

Neste dinamismo de ascensão que o Homem e seu o seu eu procura *hominização*, onde o homem se manifesta e eleva num plano superior da sua individualidade enquanto liberdade que se exerce e actualiza rumo ao Infinito como procura que todo o individuo exerce de ascensão.<sup>187</sup>

O outro nível de comunicação é também de índole crístico. Há neste campo de abordagem à figura de Cristo uma certa evolução. Se num plano inicial Cristo era apresentado numa perspectiva mais naturalista, apesar disto, ao longo da obra a Cristo também se suplanta pela Sua liberdade excedendo as suas criações, enquanto plenitude de Graça, a Unidade total e estremecimento de Amor mais perfeito, onde Cristo se comunica de forma mais perfeita como o mais perfeito e sublime conhecimento. Assim nos abrimos as reservas que existem no sistema criacionista e em que patamar se situa as questões religiosas. Ou seja, há comunicação de Deus no Mundo com o Homem onde Cristo é a chave de leitura de Cristo tudo envolve ganha sentido como evolução e comunicação.<sup>188</sup> Ora vejamos:

“Não se vê a contradição entre uma explicação moral do Universo e a existência dum Deus, que a distribuísse o mérito, independentemente das acções e intenções, matéria e forma das vontades

---

<sup>185</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 169.

<sup>186</sup> ADG, p. 268.

<sup>187</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 170.

<sup>188</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 170.

pessoais. É o delírio da sensação da Graça, da presença divina, obnubilando, excluindo tudo o mais do campo da consciência. É, nos inferiores, a inconsciência lisonja dum favor pessoal. Cada um vive pela graça, não por uma especial consideração da sua pessoa, mas porque o Universo activo é sublime e carinhoso excesso próprio de Deus, que, em vez da unidade abstracta da solidão, se quere a concreta unidade das almas. Há uma liberdade, excedendo as suas criações; uma intenção de amor, maior que todas as suas obras; um infinito unido, por dentro, todas as formas; um Irracional criando todas as razões, sem nelas se esgotar nem sequer diminuir”.<sup>189</sup>

A temática seguinte que gostaria de abordar é a forma de comunicação sob a figura da graça. Sendo esta comunicação apresentada sob três figuras: a cósmica, a antropológica e a crística / trinitária. Como refere Arnaldo Pinho há algumas semelhanças de pensamento de Leonardo Coimbra com aquilo que o grande teólogo suíço Hans Urs von Balthasar refere na forma como a Graça se assume como comunicação:

“Von Balthasar refere aqui a capacidade que a imagem do mundo antigo tinha para passar do natural ao sobrenatural, do Criado ao Incriado, do particular ao Universal, através das diversas ordens do Ser, quer o método desta passagem fosse fornecida pela Filosofia aristotélica, quer o que seria mais natural, pelo platonismo e correntes dele derivadas. Em, Leonardo encontramos também esta espécie de “fusão de horizontes”, ou de níveis ontológicos, que lhe permite ir do criacionista ao crístico e isto a partir dos próprios dinamismos implícitos da sua matriz de pensar, a filosofia criacionista”.<sup>190</sup>

Quanto a comunicação como figura cósmica da Graça podemos começar por dizer que totalidade do Ser nos releva no Cosmos, como sorriso no Universo, adequada no tempo, como aparição como utilidade e instante no Tempo e Espaço e de todas as coisas existentes pois em si próprio o Universo não subsistiria, mas necessita da Graça para sua actualização como necessidade e carência que o Universo tem. Neste sentido, no Mundo Cósmico há a necessidade de actualização da marca que a Graça deixa no Mundo, como a voz do Verbo do Universo que não permite o “materialismo” do Tempo e do Espaço. O Mundo em si e estruturalmente vive na inércia por isso necessitam de ressonâncias que comuniquem algo. Há como uma actualização presente da Graça no Mundo que comunica o Verbo, o excesso e o sorriso do Transcendente.<sup>191</sup> Convém por isso reparar no que refere Leonardo Coimbra na obra, que elucida a forma como a Graça se comunica e traduz numa presença que transforma o Mundo:

---

<sup>189</sup> ADG, p. 294.

<sup>190</sup> PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 170.

<sup>191</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 170-171.

“O Ser é interiormente presente na mínima forma, e, eis, porque a sensação de graça, a plenitude excessiva, aparece diante da mais singela flor montesina, nos lábios da primeira criança que nos sorri, na nuvem ténue que, em certas manhãs, precedendo o sol, é o primeiro ósculo trazido nos alongados dedos da Aurora. A quantidade é plena do Ser e o Irracional é, nela, a presença do infinito, do número transposto, das formas excedidas, da fecundidade ilimitada do interior, que o ocupa e realiza. É, por isso, que os mundos vogam sem atritos no seio do Ser, numa ordem espontânea e fácil, e que, sobre a harmonia das esferas, uma poderosa Unidade conduz novas e superiores harmonias”.<sup>192</sup>

Quanto a figura antropológica da Graça presente na obra, convém compreender a acção da Graça como comunicação não como actividade que necessita de motivos em si, mas é uma actividade da alma, de pensar o criacionismo. Nos fenómenos da quantidade a graça é algo de irracional quanto à quantidade, intensidade e forma como esta actua e que a sua acção tudo fecunda, ocupa e realiza. O Homem tem em si uma dimensão metafísica presente que a sua sociabilidade no Mundo, que obriga a nossa ascensão como sedução para uma invisível e superior finalidade. Neste excesso que a Graça que o homem adquire a sua consciência social, num acordo da alma individual com os sentidos, num Mundo que procuramos que nos põe numa dinâmica de ascensão para Deus, como trajectória irracional onde a Graça é uma constante presença, como figura que desvela a presença e acção constante, como excesso de presença e comunicação.<sup>193</sup> Acerca da comunicação da figura antropológica da Graça convém perceber o que referencia Leonardo na obra:

“É o Irracional criador fremendo nas obras do seu poder, nas formas da sua própria criação. Aqui, como sempre, pode a liberdade afogar-se nas suas próprias águas, se perde o contacto com o Irracional, isto é, com grande corrente da unidade total. É assim, que uma sociedade pode regressar às infinitas hipóteses da consciência social e tomar para Deus uma forma inferior da força, uma exclusiva obra da sua actividade... Essa hipótese é tanto mais fácil quando é certo que a força e a quantidade tem uma verdadeira realidade metafísica, que irão muito naturalmente dar o sublime da sua emoção ao Deus, que as representa”.<sup>194</sup>

Esta forma de comunicação é a expressão da comunicação de Deus para o homem que se torna presente e actualizada como forma de transmissão de graça enquanto actuação. Há a componente cristológica de acção e presença pela força do Espírito,<sup>195</sup> sendo a figura de Cristo a figura da Graça como uma vida em si cheia de beleza e cheia unidade perfeita de amor como estremecimento de infinito. Há na

---

<sup>192</sup> ADG, p. 253-254.

<sup>193</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 172-173.

<sup>194</sup> ADG, p. 271-272.

<sup>195</sup> Cf. ADG, p. 293.

comunicação de Cristo e na sua presença e acção no Mundo a mais perfeita comunicação da Graça, como Infinito e excesso poder de presença<sup>196</sup>. Acerca disto, o que Leonardo refere é profundo, da expressão da relevância de Cristo, enquanto comunicação transcendental no Mundo da Graça:

“Deus aparece ao homem na sensação da Graça, Deus é em amorosa comunicação com o homem no sentimento da Graça e Deus é a própria realidade integral e plena no pensamento da concreta liberdade, ou universal ligação, que é o pensamento da Graça. E, quando o homem se olha como parcela dum todo, como membro da sociedade Universo, essa plena liberdade, que a intimidade social do Ser, é a face do próprio Deus. É, então, que compreende o mundo, como a própria graça divina”.<sup>197</sup>

Neste Mundo da Graça há sem dúvida a intuição da presença de um Irracional no múltiplo transportando que intui numa vivência e presença da Graça, como visão e estado mais alto e pleno do Homem, sendo este o estado último e mais perfeito da conjugação da dimensão espiritual e intelectual que leva o Homem para o campo do Irracional que enche e reconforta todos os Homens no sentimento de pertença que tem no Mundo.<sup>198</sup>

Olhar para a relevância teológica de Leonardo Coimbra se percebe que há algo de profundo a explorar, havendo a necessidade perceber apesar de sentirmos que sua teologia tem um carácter de teologia natural é de todo necessário sublinhar, como é belo e reconfortante perceber como uma simples obra como *A Alegria a Dor e a Graça* nos reflecte Deus e a sua presença no Mundo.

---

<sup>196</sup> Cf. PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto. Lello Editores. Porto. 1999. Coleção Filosofia e Religião, p. 173.

<sup>197</sup> ADG, p. 291-292.

<sup>198</sup> Cf. PIMENTEL, Manuel Cândido- *O «Irracional Criacionista»*. *Considerações de Epistemologia e de Ontologia*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 123-124.

## CONCLUSÃO

Como conclusão pode-se afirmar que esta dissertação foi uma descoberta contínua e bastante surpreendente. Descoberta porque me apercebi de pormenores da vida de Leonardo, da sua doutrina e porque me obrigou ao estudo de novos filósofos e a aprofundar os meus conhecimentos, acabando por se complicado compreender e expor as ideias de cariz mais filosóficas. No entanto, julgo que, apesar dos obstáculos, consegui demonstrar uma forma lógica de raciocínio sem faltar à cientificidade do trabalho. Considero que é necessário que Leonardo Coimbra seja mais destacado, não só, pela sua exemplar vida pública, mas também, pela sua vasta obra e pensamento no campo filosófico e teológico.

Julgo que a forma como expus este trabalho deu para, de forma organizada, demonstrar o essencial desta dissertação, que é o conteúdo teológico presente na obra em análise, como algo que apesar de ser algo primário e iniciático numa linha teológica é no entanto, de extrema profundidade de conteúdo e sentido. Isto denota a preponderância deste estudo, que apesar de tudo carecia de mais tempo e reflexão e também maior conhecimentos filosófico-teológicos para me situar de forma mais séria na mensagem que o autor queria exprimir, pois os conhecimentos que adquiri ao longo do curso não são em si suficientes para me dar arcaboço para me debruçar em matérias que em si são de tão grande densidade ao nível dos conceitos que eu me sinto desemparedado, tal a magnitude do que me era apresentado.

Na realização deste trabalho ficaram muitas coisas por dizer, e que por meio de uma apurada investigação, deveriam ser exploradas. No entanto, a minha escassez de conhecimento e de tempo condicionaram uma mais aprofundada reflexão. Assim, no primeiro capítulo quis transmitir a relevância de um homem que marcou o seu tempo. Alguém que do ponto de vista social e público assumiu um papel exemplar e de relevo no desempenho do seu serviço. De destacar também a incidência que fiz na sua conversão e da forma como Leonardo Coimbra se foi abrindo, primeiro e depois espiritualmente a algo metafísico e superior que o marcou.

Nas correntes e pensadores filosóficos que influenciaram o pensamento de Leonardo Coimbra haveria com certeza mais autores a serem referidos tal como o seu pensamento, para além das influências de Henri Bergson. Porém, a escassez de tempo e a obrigação de entrega deste trabalho condicionaram um estudo mais aprofundado. O

mesmo posso dizer do sistema filosófico de Leonardo Coimbra - o Criacionismo, onde a abordagem e densidade do conteúdo deveria ter sido mais profunda e clara na exposição. Apesar disto julgo que o que referi foi o mínimo e razoável para um trabalho deste género.

O capítulo central desta tese é o terceiro capítulo, como já referi. Porém, avalio que a minha interpretação e a análise que fiz da obra orientando a leitura, na primeira parte deste capítulo, onde propositadamente arrisquei a minha interpretação, sem consultas bibliográficas que me auxiliassem nesta interpretação, esperando que tenha atingido o mais relevante e essencial. Espero não ter ficado à margem, de uma perceptível interpretação da obra, não falseando as ideias transmitidas pelo autor. As perspectivas teológicas que abordei tentaram demonstrar que o pensamento de Leonardo Coimbra está coberto de componentes teológicas que merecem ser destacadas. A concepção de mistério está muito presente na obra; também se destaca a importância da beleza e da estética para que funcione a harmonia do Mundo; assim como relevância da Dor como caminho de algo maior; há também a importância que o Homem tem para Deus; de perceber a Graça como o sentimento de Deus no Mundo, entre outras ideias que a obra nos transmite num enquadramento metafísico que espero tenha transmitido, e com mais tempo e aprofundamento mais conteúdos poderíamos ter extraído.

Olhando para este trabalho penso que se pode perceber a sua originalidade e conveniência. Parece-me que a sua originalidade estará apenas iniciada numa iniciática compilação de ideias e conceitos acerca de Leonardo Coimbra e da obra “A Alegria, a Dor e a Graça”, de reflexões e estudos anteriormente efectuados. Há também a destacar que a conveniência é apenas de alguém que ficou encantado com o tema e a possível reflexão deste, e daí partir para um estudo mais sério, que não considero fechado, pois, a cada releitura que faço da obra, surgem novos pormenores e conceitos de possível análise no campo teológico que eu não abordei. Como tal, este trabalho não está fechado, é apenas um despertar de algo que se a vida me permitir, continuarei a debruçar-me, mais não seja no prazer da leitura que tenho de Leonardo Coimbra.

Espero que com este trabalho tenha demonstrado a importância e a necessidade de Leonardo Coimbra ser olhado de forma distinta. Fica o desafio de que, pelo menos da minha parte, Leonardo Coimbra seja mais do que um escritor da minha preferência e eleição.

## Bibliografia

### Bibliografia Activa:

- COIMBRA, Leonardo – *A Alegria, a Dor e a Graça*. Porto: Edição da «Renascença Portuguesa Porto», 1916.
- COIMBRA, Leonardo – *A Filosofia de Henri Bergson*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1994. Coleção Pensamento Português.
- COIMBRA, Leonardo – *O Criacionismo*. Porto: Edição da «Renascença Portuguesa Porto», 1912.
- COIMBRA, Leonardo – “*Jesus*”. Porto: Edição da «Renascença Portuguesa», 1923.
- COIMBRA, Leonardo – *A Razão Experimental*. Porto: Edição da «Renascença Portuguesa Porto», 1923.

### Biografia passiva:

- REALE, Giovanni; ANTISIERI, Dario. *História da filosofia – Do Romantismo até aos nossos dias*. São Paulo, Paulus. 2003, Vol.III. 6ª Edição. p. 700-772.
- CASTRO, José Acácio Aguiar – Leonardo Coimbra, leitor e crítico de Henri Bergson. In ACTAS DO CONGRESO INTERNACIONAL – *Pensadores Portuenses Contemporâneos*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 2002, vol.II. p.339-349.
- BARAQUIN, Noella; LAFFITTE, Jacqueline – Bergson, Henri. In *Dicionário de Filósofos*. São Paulo: Edições 70, 2007. p. 64-70.
- ALVES, Ângelo – *Leonardo Coimbra filósofo da liberdade e do amor infinito*. Lisboa: Fundação Lusíada, 2003.
- RAMOS, António Pintor – *Historia de la filosofia contemporânea*. Madrid: Biblioteca de autores cristianos, 2002.
- SARAIVA, António José; LOPES, Óscar – *História da Literatura Portuguesa*. 14ª Edição. Porto: Porto Editora, 1987.
- PINHO, Arnaldo – Experiência e conhecimento de Deus em Leonardo Coimbra. *Humanística e Teologia*. Fasc. 1-2. TOMO XVI. (1995), p. 9-24.

- ALVES, Ângelo – Bibliografia de Leonardo Coimbra. *Humanística e Teologia*. Fasc. 1-2. TOMO XVI. (1995), p. 275-286.
- PINHO, Arnaldo – *Leonardo Coimbra: Biografia e Teologia*. Porto: Lello Editores, 1999. Coleção Filosofia e Religião.
- SIMÕES, Antero – Deus e os Homens de Leonardo Coimbra. Póvoa de Varzim: Edição do Autor, 2005.
- ALVES, Ângelo – Leitura metafísica de A Alegria, a Dor e a Graça, obra-prima de Leonardo Coimbra. *Revista Portuguesa da Filosofia*. Braga. (1985), p. 181-208.
- ALVES, Ângelo – As influências na elaboração do Criacionismo. A Biblioteca de Leonardo Coimbra. *Humanística e Teologia*. Porto. Fasc. 2. TOMO IX. (1988), p. 223-24.
- PATRÍCIO, Manuel Ferreira – *Introdução ao estudo da ideia de tempo em Leonardo Coimbra*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 93-106
- ALVES, Ângelo – *O método criacionista de Leonardo Coimbra: sua natureza e figuração*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 157-168.
- GANHO, Maria de Lourdes Sirgado – *O Sentimento de presença na “A Alegria, a Dor e a Graça”*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 293-300.
- BORGES, Paulo – *A experiência da criação em Leonardo Coimbra: Pessoa e cosmicidade*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 253-264.
- PIMENTEL, Manuel Cândido- *O «Irracional Criacionista»*. *Considerações de Epistemologia e de Ontologia*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 117-124.
- FIOLHAIS, Carlos – *Bergson, Einstein, Coimbra e o problema do tempo*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 79-92.

- TEIXEIRA, António Braz – *A Ideia de Deus no pensamento de Leonardo Coimbra*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 301-312.
- SEABRA, José Augusto – *Leonardo Coimbra e o cristianismo*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 312-322.

### **Biografia diversa:**

- HOTTOIS, Gibert – *Da Renascença à Pós-Modernidade*. Lisboa: Instituto Piaget, 2002.
- MARINHO, José – *O pensamento Filosófico de Leonardo Coimbra*. Porto: Livraria Figueirinhas, 1945.
- RIBEIRO, Álvaro – *Leonardo Coimbra: Apontamentos de Biografia*. Lisboa: Imperiu, 1945.
- DIONÍSIO, Santana – *Leonardo Coimbra: o filósofo e o Tributo*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1985.
- FAVA, Fernando Mendonça – *Leonardo Coimbra e a I República: percurso político e Social de um filósofo*. Coimbra: Imprensa Universidade, 2008.
- PACHECO, Maria Cândida Monteiro – *Positivismo e antipositivismo no pensamento de Leonardo Coimbra*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 17-30.
- DINIS, Alfredo – *Filosofia da Ciência na obra de Leonardo Coimbra*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 137-156.
- COSTA, Dalila Pereira da – *Criação, Queda e Redenção na obra de Leonardo Coimbra*. In ACTAS DO SIMPÓSIO – *Filosofia e Ciência na Obra de Leonardo Coimbra*. Centro Regional do Porto da Universidade Católica Portuguesa. Porto: Edição Fundação Eng. António de Almeida, 1992, p. 245-252.